O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

ANNO XLIII | **Assignaturas:** SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado. | PUBLICA-SE AS QUARTAS E SABBADOS | QUARTA-FEIRA 20 DE DEZEMBRO DE 1893 | **Publicações:** Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 20 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial. | NUMERO 4:325

E' um dos nossos correspondent s em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO: — Partido progressista.—Sobre a draga.—Prevenção.—Noticias do estrangeiro.—Carta de Lisboa.—Noticiario.—Mensagem.—A nossa importação e a nossa exportação.—A primeira missa no Brazil.—Carta de Cantanhede.—Folhetim: Magdalena.—Noticias diversas.—Secção Agricola.—Secção litteraria.—Bibliotheca Historico-Politica.

AVEIRO

O Partido Progressista

Celebrou-se no domingo ultimo, como dissémos, em casa do sr. conselheiro José Luciano de Castro, a grande reunião do partido progressista.

As nossas prophecias foram realisadas e as nossas aspirações satisfeitas. Ainda bem.

Dissémos que a cohesão do nosso partido e as suas dedicações se retemperam e engrandecem sempre na adversidade, como as suas tradicções se avivam e inflammam quando se offendem as liberdades publicas e se atraiçoam as garantias constitucionaes. Não nos enganámos. Os centros das provincias fizeram-se representar numerosamente, e a nossa unidade partidaria affirmou-se do modo mais eloquente e mais vibrante.

E' assim que respondemos aos ataques da corôa e dos ministros contra a ordem e contra a legalidade. E' assim que o honrado partido liberal affirma a sua força, o seu prestigio, o seu valor incontestavel.

Entre os muitos e gloriosos dias da historia do nosso partido, este é um dos mais brilhantes. A reunião de domingo veio affirmar ao seu prestigioso chefe, por acclamações unanimes, que o partido progressista é hoje mais forte do que nos seus melhores tempos; e ao paiz que não ha adversidades que o intimidem, infortunios que lhe façam alterar os seus sentimentos de fé e de patriotismo. Tem por isso uma profunda significação esta reunião politica.

Escrevemos por isso com grande alegria as linhas com que prefaciamos a descripção do que, na phrase auctorisada d'um illustre collega nosso, bem poderiamos chamar a festa da Exaltação do partido progressista.

*

Constituida a meza á uma e meia da tarde, sob a presidencia do sr. conselheiro José Luciano de Castro e occupando os logares de secretarios os srs. conselheiros Francisco Beirão e Frederico Ressano Garcia, fez-se a chamada dos delegados lendo-se depois a correspondencia.

Faziam parte da correspondencia cartas e telegrammas dos srs.: conselheiro João Chrysostomo d'Abreu e Sousa, conde de S. Januario, marquez da Graciosa, Antonio Egypcio Quaresma Lopes e Vasconcellos, visconde das Arcas, José Peixoto da Silva, Roque Ribeiro d'Abreu Abranches, Christiano Augusto da Silva Moura, Francisco Thiago de Magalhães, dr. Manuel Pereira Dias, visconde de Altas Moras, Eusebio Nunes, Manuel Nunes de Oliveira Sobreiro, Manuel Francisco Teixeira, visconde de Tramagal, João Henrique Tierno, Souza Prado e dr. Alves Matheus, sendo especialmente coberta de grandes applausos a patriotica carta firmada pelo venerando general sr. João Chrysostomo, que em seguida publicamos:

Ilm.mo e ex.mo sr. e meu presadissimo amigo.—Muito penhorado agradeço a v. ex.a e aos seus *dignos collegas* da commissão executiva do partido progressista, a deliberação d'essa illustre commissão, convidando-me a acceitar a presidencia da grande reunião que deve effectuar-se em casa do v. ex.a, para se resolver sobre a attitude que o partido deve adoptar na presente occasião, em vista da dissolução da camara dos deputados, e da parte electiva da camara dos pares.

Na estreiteza do tempo, pois só agora á noite me foi possivel ler a carta de v. ex.a, tendo saido de casa durante o dia por motivo de serviço publico, resumirei, quanto possivel, o que se me offerece dizer em assumpto tão grave.

Profundo é o meu reconhecimento por uma tão insigne prova de confiança, como aquella que acabo de receber de v. ex.a e de seus illustres amigos: mas infelizmente, o meu estado de saude, a minha edade e outras circumstancias, me impodem de poder acceitar tão alta missão, e desempenhar-me d'ella como desejára; e porque me considero menos proprio para exercel-a.

Acceitarei, porém, sem hesitação a honra de manifestar o meu pensamento, por intermedio de v. ex.a, em tão patriotica assembleia, que representa o partido em que sempre militei. Direi pois a minha humilde opinião sobre a attitude do partido progressista, na situação que lhe foi creada pelo obnoxio acto do pedido da dissolução das côrtes, sem que nenhuma indicação constitucional a justificasse, ou qualquer alto interesse do estado a exigisse. N'estas circumstancias, a lucta partidaria, promovida pelo ministerio que exerce o poder, simplesmente com o fim de tornar mais duradoura a sua posse, é um acto menos leal para com a corôa, que compromette, para com os partidos que ataca de surpreza, e para com o paiz onde vae excitar interesses e paixões irritantes, inherentes a similhantes luctas, e cujo fatal resultado será distrahir a attenção, e difficultar a resolução dos graves problemas financeiros e economicos, que se não forem resolvidos em tempo opportuno conduzirão a nação ás maiores calamidades.

Um repto, tão intempestivamente lançado denuncia uma tal abstracção das necessidades e conveniencias publicas, que chega a parecer inconcebivel, porque nem ao proprio partido regenerador aproveita e só tende a entenebrecer, mais do que a aclarar, os horisontes da triste situação que estamos atravessando. E' esta a minha sincera convicção que não devo occultar.

Na idade provecta a que tenho chegado, depois de mais de 60 annos de lucta, em que nunca me eximi das responsabilidades da minha posição, pareceu me que não era demasiado ogoismo, em presença de tantos, desejar retrahir-me ás estereis luctas partidarias do nosso paiz, tendo outra cubiça, se não desejar gosar os poucos dias que me restam de vida, na paz domestica. Mas hoje que se querem extremar os campos politicos, irei para aquelle em que sempre combati, se tanto fôr necessario.

O partido progressista não pode recuzar a lucta a que foi provocado. Pedem-no a sua honra e as suas tradicções, e o dever indeclinavel de pugnar pela genuidade do systema representativo, como partido monarchico liberal, e democratico que é.

Estão reconhecidos nas nossas leis todos os direitos e liberdades necessarias ao progresso e civilisação de um povo livre. O que resta, é fazer bom uso d'ellas, e a sua mais cuidadosa applicação.

A lei fundamental do estado e os actos addicionaes a ella, consagram estes principios; mas não fructificam, porque os nossos costumes politicos são desgraçadissimos e a ponto de, a falta de respeito ás leis, crescer na razão directa da importancia d'ellas. Assim, os nossos males não teem derivado do effeito das instituições, mas da falta de cumprimento e fiel execução d'ellas. Não é a leal interpretação da carta constitucional a causadora d'esses males, é sim a repetida infracção d'ella. Por isso reputo desnecessaria e inconveniente qualquer alteração na lei fundamental do Estado, principalmente na situação presente. Nem se diga que ella é uma simples outorga, esquecendo que essa outorga foi sellada com o sangue de 8 annos de lucta entre o absolutismo e a liberdade.

Eis o que se me offerece dizer a v. ex.a ao correr da penna sobre assumptos tão graves o desculpe as incorrecções que encontrar, attenta a rapidez da escripta.

De v. ex.a

Amigo e collega muito venerador o obrigado
João Chrysostomo d'Abreu e Souza.
Lisboa, 16 de dezembro de 1893.

Leu-se em seguida um carta do sr. conde de S. Januario:

Lisboa, 17 de dezembro de 1883.

Ill.mo e ex.mo sr.—Meu presado amigo.—Sinto que o meu estado de saude, como v. ex.a sabe, me não permitta ainda assistir á reunião do partido progressista, que deverá ter logar hoje em casa de v. ex.a. Em todo o caso adhiro á resolução que a assembléa tomar, mas como as circumstancias politicas podem passar por novas phases, afigura-se-me que o mais acertado seria dar um voto de confiança ao illustre chefe do partido, para proceder como mais conveniente seja aos interesses do paiz e do proprio partido.

Aproveito mais esta occasião para me subscrever

De v. ex.a

com a maior estima e consideração
Venerador amigo e collega obrigado
Conde de S. Januario.

Ergueu-se depois o sr. conselheiro José Luciano. S. ex.a é acolhido com uma enthusiastica salva de palmas e repetidos vivas ao prestigioso estadista.

Começa o orador agradecendo tão effusiva demonstração de estima pessoal. Agradece o desinteresse e a abnegação com que os representantes dos mais longiquos concelhos vieram associar-se a esta manifestação partidaria. Não se surprehende porém, e um tal facto serve apenas para demonstrar mais uma vez a cohesão do partido progressista, a fórma como elle se agrupa diante do perigo e como respeita as suas gloriosas tradições. Orgulha-se de estar á frente d'um partido que nunca esquece o que deve á patria e á liberdade.

Faz um rapido esboço das circumstancias politicas do paiz e descreve o desinteresse que o partido progressista, estando ha quatro annos fóra do poder, tem manifestado, organisando-se já depois da sua queda seis ministerios sem que elle nunca tivesse sido convidado a formar governo. Diz isto não por magua, ou revolta, mas para accentuar como apezar d'isso elle e todos os seus amigos acompanharam esses diversos gabinetes, prestando-lhes o mais patriotico apoio na resolução da crise que nos assoberba. Apesar d'isso, continua s. ex.a, duas vezes fomos dissolvidos e duas vezes o fomos inconstitucionalmente.

Relata os esforços que pessoalmente empregou para salvar a corôa do perigo a que a arrastaram. Os seus conselhos quando os srs. ministros o procuraram, as suas exortações, as suas supplicas até, porque sobretudo queria livrar o paiz da terrivel lucta, tão levianamente provocada. Rejeitou todas as offertas. Prometteu-se-lhe a conservação da actual representação parlamentar do partido, dizendo-se-lhe que a dissolução não era contra os progressistas, não ficando elle nunca sabendo contra quem seria então; pediu-se-lhe até que acentuasse s. ex.a o seu protesto no conselho de estado, simulasse uma opposição violenta e depois fizesse um accordo particular (sensação). Rejeitou tudo, rejeitou uma paz que em taes circumstancias seria deshonrosa. E tomou a responsabilidade de o fazer sem ouvir o seu partido guiado apenas pela sua consciencia e pelo seu decoro particular. Até com a sua dignidade particular se especulou, dizendo-se que se queria affastar do poder unicamente para attender a interesses particulares. Se se resolver acceitar a lucta, o orador que já guiou o seu partido em duas luctas de opposição, não a queria dirigir em terceira, sem ouvir primeiro o voto dos seus correligionarios, pedindo assim ás provincias que emitissem tambem o seu parecer. Para isso fez esta reunião e deseja que n'ella se accentue-se o partido progressista entende dever dar por terminada a sua missão constitucional, ou se, continuando no seu programma, resolve entrar na lucta eleitoral, ou abster-se. Ha ainda um segundo ponto a tratar. Parece-lhe chegada a occasião do partido progressista firmar de vez o seu programma politico. E' necessario acabar-se com o systema porque nos regemos e que é a negação de todo o verdadeiro systema representativo. E' preciso evitar actos como o que se acaba de praticar e restaurar as normas do constitucionalismo como elle se usa lá fóra, sem utopias, mas com lealdade e firmeza.

Julga tambem que os corpos dirigentes do partido devem dar por terminado o seu mandato, e retemperar-se no voto de todos os seus correligionarios. Elle por si desejaria dar por finda aqui a sua carreira politica. Tem mais de trinta annos de serviço partidario, não tem ambições, mas não o faz porque tudo quanto é deve-o ao seu partido e porque não seria na hora do perigo, que pelo seu caracter se prestaria a fugir do seu posto.

O distincto estadista e prestigioso orador foi acclamadissimo em todo o seu esplendido discurso e estrepitosamente applaudido no seu final, sendo larga e demoradamente victoriado.

Falla em seguida o sr. conselheiro Eduardo José Coelho, que entende do seu dever, interpretando o sentir de toda a assembléa, apresentar a seguinte proposta:

A assembléa applaude a attitude firme e patriotica da commissão executiva; vota por acclamação a sua reconducção e auctorisa o chefe do partido a completal-a e reorganisal-a como entender conveniente.

Esta proposta foi approvada por acclamação, no meio dos mais enthusiasticos applausos.

Levanta-se depois o ex-presidente da camara municipal do Porto, o sr. dr. Oliveira Monteiro, que em seu nome e no do centro politico que representa—o Porto—applaude as resoluções tomadas pelo digno chefe do partido progressista, a sua attitude nobre e correcta, que ha-de ficar registada como a de quem tem sabido seguir sempre um levantado e honesto caminho.

Lê-se em seguida a moção do centro eleitoral do Porto, já conhecida.

O sr. Oliveira Monteiro poz em seguida em nitido relevo o que significava a dissolução de uma camara que foi eleita sob os auspicios do actual governo, que conferiu a esse governo todas as auctorisações pedidas. Entende que tal dissolução só poderá ter sido praticada por quem não tenha a menor noção do que deve a si proprio e do que deve ao logar que occupa. Descreve em seguida o que deverá ser uma eleição no estado actual do paiz, que entre outros inconvenientes acarreta sempre um pedaço de quebra da dignidade moral, augmentando assim o *deficit* de moralidade, já tão crescido entre nós. O fim da dissolução, dil-o na sua carta o velho e honrado progressista sr. João Chrisostomo. O governo não poderia fazer uma eleição geral, sem ser por este meio e por isso esquece todos os seus deveres e nem sequer attendeu ao estado da nação O sr. Oliveira Monteiro respondeu em seguida aos pontos apresentados para discussão pelo illustre chefe do partido progressista. Entende que um partido só pode dissolver-se quando a sua missão está terminada. Tal não succede com o nosso partido, que muito pode e deve ainda fazer a bem da patria. Julga mesmo que fosse qual fosse a resolução tomada n'esta assembléa, muitos que aqui não estão, prostestaríam se n'ella se cortasse a mortalha que houvesse de envolver o partido progressista. Trata em seguida do acto eleitoral de 1890, quando estava imminente um gravissimo conflicto internacional. Na camara um dos membros mais distinctos do partido progressista declarou bem alto que poderia contar com a sua lealissima cooperação. Apesar d'isto, a camara foi dissolvida. Lembra-se perfeitamente do que foram as eleições de 1890, em que as ameaças, os subornos, tudo finalmente que ha de mais vexatorio e abusivo, foi empregado n'essas eleições e tem a certeza plena de que ha de repetir-se o mesmo nas eleições de 1893.

Lembra que mesmo em pleno regimen de concordia, o governo ronbou a eleição de Villa do Conde, pelos processos mais repellentes e censuraveis. Avalie-se o que será agora esse regimen em epoca de lucta desassombrada. Entende que na lucta deve o partido proceder com a limpeza e honestidade que caracterisa o partido progressista, sem nenhuma especie de accordos. Á não ser assim, deixaria de pertencer a este partido, porque considera isso para si como um ponto de honra. Conta o que se passa e o que se ouve pelas provincias, o desalento, o descrença que ahi impera. Refere-se a um correligionario nosso que lhe disse o seguinte: ou ir para casa, ou, a querer alguem metter-se na vida politica do paiz, só tem a escolher os miguelistas ou os republicanos, porque os dois partidos monarchicos militantes de tal modo se uniram e baralharam, teem vivido tão amigavelmente que já se não comprehende a differença d'esses partidos.

O orador pergunta á assembléa se se diz, o *feitiço se volte contra o feiticeiro*, que a situação actual seja em breve victima dos seus proprios actos, cahindo nas ruinas que cavou.

No momento em que escrevo, o conselho de ministros apenas resolveu a sahida do sr. ministro das obras publicas. Isso e mais nada, mas continua em trabalhos, cujo resultado definitivo ninguem prevê. Se mais alguma cousa houver dil-o-hei em telegramma, mas que vão dar-se acontecimentos mais importantes, é fóra de duvida.

O illustre chefe do partido progressista continua em conferencias successivas com os representantes das provincias que aqui vieram, tendo já adiantado muito os serviços eleitoraes que superiormente tem de dirigir.

E como me falta tempo para mais, permitta-me que limite hoje ao que fica dito o que tinha a dizer-lhe.

— A cultura do assucar em Moçambique continua a dar um resultado surprehendente, o que prova que ha de ser a agricultura continental, logo que seja convenientemente feita no Alemtejo principalmente, e nas nossas possessões d'Africa, a que ha de salvar o paiz. Agora chegaram mais 2:500 saccas de excellente assucar procedentes da Companhia de Moçambique. E' esta a segunda remessa e esperam-se mais, sendo certo que dentro de poucos annos os productos d'aquella provincia cheguem sufficientemente para todo o consumo do continente, e só isto deve produzir uma grande differença no capital que precisamos exportar para importar o que consumimos, pois que o que compramos d'assucar estrangeiro importa n'uma verba muito superior. Não nos faltam meios de resgate, meios de nos tornarmos um paiz independente; o que nos faltam são governos economicos, governos previdentes, governos mais nacionaes que facciosos. Chegaremos a tel-os? Interrogação é esta de difficil resposta.

— *Quem não pode trapacêa...* Os scrivas assalariados, não tendo argumentos para combater as doutrinas excellentes da illustrada e energica redacção do *Correio da Tarde*, recorrem ao insulto grosseiro e ás facecias insulsas que causariam riso, senão provocassem o nojo. Mas estão enganados os criticos manchegos, porque n'aquella redacção ha muita dignidade para repellir quaesquer apodos dos rabiscadores mal humorados.

— O sr. conselheiro José de Sande Magalhães Mexia Salema, juiz do supremo tribunal de justiça, deixou d'existir. Era um magistrado digno e havia já sido ministro d'estado

Victima d'uma tuberculose que ha muito lhe corroia a existencia, tambem falleceu o sr. Eduardo de Barros Lobo, escriptor distincto, conhecido no mundo das letras pelo pseudonimo de *Beldemonio*. Escreveu muito e finou-se antes de completar 40 annos de idade.

Y.

A' ultima hora.—A crise ministerial não ficou hoje resolvida. E' trabalho que fica para amanhã, se a substituição tiver de ser apenas do ministro das obras publicas. Se fôr adiante, e se alcançar o sr. ministro da fazenda, como muitos creem, o gabinete dará todo a sua demissão, não podendo ninguem afirmar o que então succederá.

Y.

Recebemos n'este momento o seguinte telegramma:

LISBOA 20, A'S 12 H. E 5 M. DA T.

Ao *Campeão das Provincias*—Aveiro.

Confirma-se a exoneração do ministro das obras publicas, ficando interino João Franco.

Y.

SOBRE A DRAGA

O sr. governador civil do districto acaba de dirigir ao digno chefe da secção hydraulica aqui, o seguinte telegramma:

LISBOA 19, A'S 5 H. DA T.

Foi difinitivamente assignado o contracto da acquisição da draga. Peço communique á commissão.—V. DE BALSEMÃO.

O sr. Bernardino Machado cumpriu, pois, o que tinha promettido.

Contratou a draga e sáe do gabinete deixando a contratada.

Prevenção

Edmundo Machado, facultativo especialista de molestias dos olhos, communica por esta forma aos seus clientes e ao publico que, durante o proximo anno de 1894 não exercerá a clinica.

Aveiro, 19 de dezembro de 1893.
Edmundo Machado.

NOTICIAS DO ESTRANGEIRO

Do Brazil sabe-se apenas que a guerra prosegue, e que a ideia da restauração monarchica apparecerá em fim dentro de pouco, e será esse o complemento da guerra fratricida que ha mezes alli se agita.

De Mellila continua a obscuridade nas noticias, dizendo-se apenas que a guerra acabará sem mais sangue.

CARTA DE LISBOA

19 DE DEZEMBRO DE 1893.

O acontecimento mais notavel dos ultimos dias foi a grande reunião do partido progressista, successo notavel que a historia politica do paiz ha de registar como um dos mais notaveis entre os que mais notaveis se teem dado aqui. Tudo o que ha de importante na grande agrupação progressista se achava alli e os que, por circumstancias impossiveis de vencer não poderam vir em pessoa, estiveram ou em declarações escriptas, ou em espirito. Abstenho-me de narrar-lhe o que alli se passou, porque o *Campeão* decerto se occupará mais extensamente do facto em artigos especiaes.

Acontecimento grave tambem é a demissão já dada pelo sr. Bernardino Machado, e a que não pode deixar de dar o sr. Fuschini. Ou este cavalheiro deixa voluntariamente o poder, facilitando ao governo o prehenchimento das duas pastas, sem maior ebulição, ou se persiste em censervar-se, o governo cahirá todo, e então Deus sabe o que succederá. Os regeneradores aventam que o sr. Hintz Ribeiro será de novo encarregado de formar gabinete, caso que os mais prevenidos não dão como positivo, por isso que a coroa, advertida pelo modo porque o paiz recebeu o facto da dissolução, que claramente condemnou, não irá caminho de novos desacertos e procurará, tanto quanto possa, tornar-se mais chefe de um palz constitucional, que chefe d'uma facção ou lima na mão d'obreiro.

Precipitam-se, pois, os acontecimentos e de modo que ninguem sabe quem será ámanhã governo n'este paiz. E' possivel até, que, como vulgarmente

ve algumas palmas, sendo visada a canção hespanhola cantada por aquella habil artista.

Na noite de 17 foi o segundo beneficio, com as primeiras representações da comedia em verso *Os Noivos*, original de Firmino de Vilhena e do vaudeville *A Prima Aurora*, do maestro Barbieri; accrescendo ainda a zarzuella *Simão, Simões & C.a*, uma canção e um monologo.

Attrahiu grande concorrencia ao theatro, n'esta segunda récita, o nome do espirituoso e intelligente auctor do *Beijo* e do *Perdão*, que fornecera para aquella noite o *clou* d'essa festa dramatica com a sua finissima comedia *Os Noivos*, que pelo bem moldado da poesia e burilado do verso faz lembrar a *Mantilha de Renda* do festejado poeta Fernando Caldeira: e assim concorreram no domingo ao Theatro Aveirense, não só d'Aveiro, mas de differentes concelhos do districto, bastantes apreciadores de Firmino de Vilhena, que está firmando incontestavelmente a sua reputação dramatica, depois de ter conquistado uma nomeada gloriosa, como poeta e como jornalista. *Le non oblige*: e quem conheceu esse malogrado espirito *d'élite* que se chamou Fernando de Vilhena, não pode deixar de confessar que raras vezes esse proloquio francez deixa de ter realidade. E senão, veja-se entre nós o que foram os que usaram nome de Garrett, Castilho e tantos outros. Mas... voltemos ao theatro.

Seriam 9 horas da noite quando a orchestra, magistralmente regida pelo habil regente, sr. João Pinto de Miranda, rompeu com a symphonia da *ouverture*, primorosamente executada.

Subido o panno, começou a representação da esplendida comedia *Os Noivos*, antes que serenasse o borborinho dos retardatarios, que se apressavam a tomar os seus logares, o que privou o publico d'ouvir aquelles deliciosos versos com que abre o dialogo d'Arthur e de Crisanta, encarnados em Holtreman, que é um actor conscienciosо, e em Sophia d'Oliveira, que, áparte uns pequenos exageros de gesto durante a declamação, se houve correctamente no seu papel de noiva.

Finda a comedia, que agradou muitissimo, embora o seu desempenho fosse prejudicado em parte pela insufficiencia do *mise en scène* e pela recita ção um pouco fraca d'alguns pontos do dialogo, os actores foram muito applaudidos, subindo novamente o panno aos brados enthusiasticos pela apparição do auctor, o qual foi recebido pelo publico com uma chuva de fervorosas palmas, merecida apotheose dos espectadores ao talento scenico e éstro poetico de Firmino de Vilhena, que veio ao palco agradecer esta homenagem dos seus amigos e dos seus sinceros admiradores.

Devia seguir-se *La Sevilhana*, que foi substituida pela canção franceza *En voulez-vous?*, que a plateia recebeu friamente, devido isso decerto ás condições acusticas da sala, que não permittiam a traducção clara d'esse conto, aliás finamente tecido e que foi regularmente interpretado pela actriz a quem coube o desempenho.

A Prima Aurora foi soffrivelmente declamada, mas a musica agradou pouco, como em geral acontece entre nós a quasi todos os *vaudevilles*, cujo gosto se não casa ao gosto nacional.

O monologo *Fatalidades* foi bem dito pelo actor Carlos Costa, que despertou a hilaridade geral dos espectadores, o que já é um elogio n'uma plateia que conheceu Taborda e outros astros do comico portuguez.

Rematou o espectaculo a zarzuella *Simão, Simões & Companhia*, onde o genio musical de Chappi espalhou algumas árias de elevada maviosidade.

Ahi houveram-se distinctamente os actores Carvalho e Silva, especialisando nós Carvalho no seu papel de Simões, que esteve a toda a altura d'um comico burlesco difficil de exceder.

Sophia d'Oliveira tambem se desempenhou muito conscienciosamente e com graça na encarnação da Edelmira da zarzuella, sobresaindo ahi a sua voz que, embora pouco extensa, é agradavel e maviosa, cantando com um mimo notavel a balada:

Como o bom sol
o sol da 'sp rança
que á tarde vae
findar no rio...

o que lhe valeu applausos sinceros e uma merecidissima enchente de palmas. O espectaculo terminou era aproximadamente meia noite.

— A companhia saiu d'Aveiro para Pinhel e d'ahi irá para a Guarda, onde vae dar algumas recitas seguidas.

— Nós que assistimos á récita de domingo e acompanhámos então a saudação que o publico fez a Firmino de Vilhena, fechamos esta pequena critica theatral, enviando um abraço muito estreito ao festejado auctor dos *Noivos*

Vagos—1893.

ABILIO A. DE LIMA DUQUE.

O Visconde e o Conde.—O illustrado escriptor, nosso conterraneo, sr. Barão do Cadoro, completou ha pouco o seu novo romance, a que deu o titulo que nos serve de epigraphe, e confiou-o á empreza typographica dos conhecidos livreiros editores parisienses, Guillard, Aillard & C.a. Como o *Piano* e o *Conto de Reis*, o novo livro aparecerá luxuosamente impresso, com formosas illustrações, finos desenhos da Costa Nova do Prado, etc.

Anciosamente aguardamos a sua publicação, que, como todas as producções do seu illustre auctor, deve produzir sensação.

Fallecimento.—O nosso antigo e honrado amigo, sr. José Diogo da Cunha, não é já do numero dos vivos. Sobre os meritos do extincto, um cavalheiro, seu conterroneo, escreve o seguinte:

Falleceu no dia 4 de dezembro, na Mesquitella (Mangualde) o reverendo José Diogo da Cunha, parocho e professor da mesma freguezia. Era o honrado extincto um caracter justo e recto, e uma alma sempre aberta ás vibrações da caridade. Nascido em Pinheiro d'Aguiar da Beira, era na Mesquitella, ha perto de 30 annos, professor primario a quem as creancinhas amavam como um pae, e toda a freguezia o estimava com o carinho que só se tributa áquelles, que se sabem impor pela doçura e amabilidade do coração. Tinha apenas 59 annos. Todas as pessoas d'esta freguezia, sem distincção de classe, lamentam a perda d'um homem tão honesto e de quem tinham recebido apenas favores e palavras de consolação.

Que a sua alma descance em paz. Aos seus, manifestamos a expressão da nossa condolencia.

Mesquitella, 15 de dezembro de 1893.
R. Amaral.

Dando o mais pleno testemunho das verdades que contém o que acaba de escrever o sr. R. Amaral, acompanhamos tambem a illustre familia do honrado extincto na dôr que a punge.

Com Deus, porém, está a alma de quem na terra só soube ser bom, prestimoso e justo.

Facto grave. — Ninguem dirá, pelo que ás vezes por ahi se passa, que Aveiro seja uma terra aonde ha um corpo de policia. Na noute de segunda para terça-feira, seriam 8 horas pouco mais ou menos, houve gritos d'aqui el-rei n'uma casa da rua da Praça. Dizem-nos que os soltava uma infeliz octagenaria, casada, que com seu marido tem passado uma amargurada vida. Valeu á pobre mulher passarem alli algumas pessoas, as quaes fizeram com que a porta fosse aberta, afim de acudirem á pessoa que pedia soccorro. No meio d'isto, o que achamos mais condemnavel, e por isso mais digno de severa punição, é que á porta da casa onde se soltavam os gritos a que nos referimos se achava uma mulher de má nota encostada a essa porta com a chave da dita casa na mão, pelo que se vê que era connivente nos maus tratos que se deram a quixosa. A justiça, por amor á moralidade, não deixará de indagar do caso para castigar os culpados. E' uma necessidade fazel-o.

Barbaro assassinato —No ultimo sabbado houve na Costa Nova jantar de despedida da companha dos srs. Naias e Silvas, d'esta cidade. Depois do jantar, e sendo já de noite, os pescadores regressavam em grupos á Gafanha, vindo na frente um, composto de 10 homens. No caminho, e perto da *mota* do pharol, travaram-se de razões, cahindo por terra um, e fugindo os restantes. Um segundo grupo, que vinha mais atraz, e do qual fazia parte Lazaro Lopes Conde, deparou com o corpo do irmão, José Lopes Conde, ferido mortalmente com duas facadas no baixo ventre, e atirado para a valeta d'aquella *mota*. O morto era reveseiro da companha, natural da Murtosa, mas casado na Gafanha, e tinha quatro filhos menores.

O sr. dr. Sanches da Gama, illustrado e dignissimo administrador d'este concelho, que está exercendo interinamente as funcções de commissario de policia, mal teve conhecimento, no domingo de manhã, do crime, marchou immediatamente para o local d'elle trazendo de tarde presos os companheiros da victima, que se negaram até hontem obstinadamente a declarar qual o auctor ou auctores do crime.

Apesar d'isso, com um tino e uma habilidade fora do vulgar, o magistrado a quem foi confiada a direcção policial do districto, tem já caminhado nas suas investigações o bastante para desvendar dentro de pouco todo esse tenebroso e audaciosissimo delicto.

Não confia s. ex.a nada do que sabe á curiosidade publica, e faz bem, com o proposito acertado de chegar assim mais cedo e com mais justeza ao fim que visa—, o esclarecimento completo da justiça, para que ella possa punir com todo o rigor da lei o crime commettido. Pode dizer-se já que ha mais do que um criminoso, e que o principal fautor do commettimento não poude fugir á responsabilidade do feito.

O sr. dr. Sanches da Gama, conta poder saber tudo dentro de poucos dias, e talvez que no proximo n.º do *Campeão* possamos já contal-o aos nossos leitores. Entretanto, os presos continúam incommunicaveis, sempre renitentes em nada descobrirem, mas cá fóra falla-se já em que os auctores do assassinato foram um tal Faustino, e o sobrinho do José do Rito. Do resultado da autopsia, feita em Ilhavo, consta que os ferimentos são dois, uma facada entre as vias com faca inglesa, e outra perto do umbigo com navalha, ambos mortaes.

MENSAGEM

Vae com vista a uns certos que todos conhecemos, a soberba mensagem que os prelados hespanhoes, reunidos no Congresso eucharistico de Valencia, acabam de dirigir á rainha regente de Hespanha. E' como segue:

SENHORA! — Os prelados hespanhoes, reunidos na religiosa e nobilissima cidade de Valencia, para celebrar o primeiro Congresso Eucharistico nacional, n'estes dias de salvação, n'este tempo acceitavel em que se apresenta solemnemente ante o throno do Divino Senhor Sacramentado a homenagem de adoração e filial affecto da nossa patria e de todos os hespanhoes que não apostataram da fé de seus paes, da gloria da nação iberica, se acham, ou pessoalmente ou por meio de representantes seus, ou com o pensamento e coração congregados n'esta cidade, para reparar com actos de veneração e amor os ultrages e injurias que com desconsoladora frequeneia recebe em nossa querida patria Jesus Christo Nosso Senhor, presente no Santissimo Sacramento da Eucharistia.

Prostrados deante dos altares, supplicamos ao Rei dos reis, ao Senhor dos exercitos, ao Principe da paz, que não permitta que diminua o brilho esplendoroso da corôa de Hespanha; que acabem de vez as divisões, as discordias e as luctas fractricidas que rasgam o coração da mãe patria, debilitam as suas forças, annulam a sua acção e não deixam que occupe o logar proeminente que lhe pertence no concerto das nações cultas; e que os laureis do nosso valoroso exercito, para o qual imploramos a benção do nosso Santissimo Padre, regados com generoso sangue nas plagas africanas, reverdeçam, adquirindo a louçania que tiveram quando o horisonte das nossas glorias era illuminado pelo sol de Catalañazor e de las Navas de Tolosa, e nossas armas, coroadas pela Cruz, depois de encherem o mundo com o ecco das suas victorias, atravessavam mares nunca navegados a fim de conquistar novos mundos para a civilisação.

De um modo especial rogamos ao Sagrado Coração de Jesus que illumine e auxilie a Vossa Magestade para que desempenhe com o melhor acerto a missão altissima, quanto difficil, que a Divina Providencia lhe confiou, protegendo a religião, fundamento da ordem e garantia da prosperidade publica, guiando pelos caminhos da paz e da justiça a nau do Estado, combatida por ventos contrarios e rodeada de tão terriveis escolhos, fazendo quanto está de vossa parte para que seja menos afflictiva a situação extremamente angustiosa do vigario de Jesus Christo, Leão XIII, e influindo no tenro coração de vosso angustioso filho o rei D. Affonso XIII (que Deus guarde) os mesmos elevados sentimentos que vos tornaram credora da veneração e amor de todas as pessoas honradas.

Esta missão, senhora, tão natural e espontanea ao vosso piedoso coração, é cada dia mais justificada, porquanto dolorosissimos acontecimentos recentes justificam até a evidencia onde vae parar a sociedade que se separa de Jesus Christo, que é caminho de verdade e de vida. Porém, não nos contentando com depositar aos pés de Jesus Christo Sacramentado os nossos desejos a respeito do bem estar de Vossa Magestade, e da vossa acção nos negocios publicos, intendemos, interpretando o desejo de nossos irmãos no episcopado, não nos separarmos para voltar ás nossas dioceses, sem que hoje, que tanto se combate o principio da auctoridade e tão pouco respeito inspiram a muitos os poderes publicos, depositemos ante os degraus do throno de vossa magestade a expressão sincera do nosso amor, da nossa fidelidade e da nossa adhesão inquebrantavel.

Fazemos isto com tanto maior gosto, quanto nos são bem conhecidos os piedosos sentimentos de V. M., e firmemente confiados que trabalhará quanto possivel para que se consigam os fins do congresso eucharistico, encarregando os governos que em quanto não se modificam em sentido mais favoravel á religião as leis actuaes, procurem que se cumpram estas exactamente na parte que punem a blasphemia, os sacrilegios, a profanação dos dias sanctificados, as perturbações do culto publico, os ataques pela imprensa contra o mysterio da sagrada eucharistia.

Valencia, 20 de novembro de 1893.

Senhora, aos reaes pés de Vossa Magestade:

Bento, cardial Sanz y Forés, arcebispo de Sevilha, Thomaz, arcebispo de Tarragona, Ciriaco Maria, arcebispo de Valencia, Salvador, bispo de Urgel, Jacintho Maria, bispo de Mallorca, Francisco d'Assis, bispo de Segorbe, José, bispo de Vich, Pelayo, bispo de Cuenca, Fr. Ramon, bispo de Oviedo, Fr. Gregorio, bispo de Luzo, Marianno, bispo auxiliar de Saragoça, Luiz Filippe, bispo de Zamora, João, bispo de Tarazona, José, bispo de Lerida, João, bispo de Menorca, José bispo de Jaca, Ramon, bispo Tenerife, Fr. José, bispo das Canarias, Fr. Francisco, bispo de Badajoz, Henrique, bispo de Palencia.

Perguntamos: tambem estarão eivados de liberalismo os prelados hespanhoes que, seguindo os dictames de Leão XIII, tão nobremente reconhecem, acceitam e acatam, o *existente* em Hespanha? Se por ahi houvesse alguem que nos respondesse... Pelos modos o episcopado hespanhol intende que a famosa encyclica de Leão XIII aos francezes tambem se applica a Hespanha, onde, como em Portugal, o *existente* é o que se vê!

A nossa importação e a nossa exportação

Em 1891 importámos para o consumo, mercadorias no valor de 43:510 contos de réis; 1:113 contos menos do que em 1890. Examinando os generos de mercadorias de que o paiz mais careceu, vêmos que occupam o primeiro logar as *substancias alimenticias*, que importámos no valor de 12:282 contos; 431 contos mais do que em 1890. A maior importação foi de *cereaes e farinaceos*; seguiram os *generos coloniaes*, como o assucar, o café, o chá, etc; veem depois as *pescarias*, sendo a maior parte de bacalhau, as *substancias alimenticias diversas*, entre as quaes avulta a azeite, e afinal as *bebidas*.

Os paizes estrangeiros que introduziram em Portugal maior quantidade d'essas mercadorias foram: Os Estados-Unidos da America do Norte, no valor de 3:626 contos; a Inglaterra, no valor de 2:548 contos; a França, 870 contos; a Allemanha, 721 contos; a Russia, 521 contos; seguindo a Italia, o Brazil, a Hespanha e outros paizes com valores inferiores a 500 contos. Em vista d'estas cifras, podemos tirar duas conclusões. A primeira: que Portugal importa para o consumo uma grande porção de mercadorias de primeira necessidade que parece que o paiz devia produzir sem muitas difficuldades; a segunda: que continua a fazer grande parte do seu commercio por via de intermediarios, como se fôra ainda uma nação muito pouco adiantada, e incapaz de entreter relações commerciaes directas com os mercados do mundo civilisado a que precisa recorrer. Realmente custa a comprehender como é que Portugal, com todas as condições para ser um paiz cerealifero, tanto pelo lado do solo e do clima, como pela vastidão de terras cultivaveis, prefere pedir tamanho auxilio ao estrangeiro, para se abastecer do pão necessario para a sua alimentação, sujeitando-se a todos os sacrificios que, nas circumstancias actuaes, impõem a questão do premio do oiro, e os direitos proteccionistas das nossas pautas. Eguaes considerações se podem fazer a respeito dos lacticinios e dos azeites, cuja importação é tambem consideravel.

Não se explica tambem a razão por que importamos de differentes paizes europeus, principalmente da Allemanha e da Inglaterra, quasi 733 contos de reis de arroz, e 1:631 contos de assucar ordinario, quando podiamos aproveitar das nossas possessões asiaticas e das relações com o Brazil para importarmos directamente o arroz e o assucar do Oriente e da America, economisando o premio que pagamos aos intermediarios a que recorremos por simples falta de iniciativa.

Aqui estão duas questões importantes para a economia nacional, que bem merecem as honras d'alguma attenção por parte de todos nós. Limitamo-nos a mencionar sómente os dois exemplos que acabamos de citar para não fatigar a attenção do leitor com a aridez das cifras; mas parece-nos que são bastantes para se comprehender que existem ahi factos que precisam de ser estudados com cuidado.

Se Portugal fosse um paiz essencialmente industrial, se o seu clima e o seu solo se não prestassem para a cultura dos cereaes, ou se as suas terras estivessem já bem aproveitadas *para outros generos de culturas mais* rendosas, não só não haveria inconveniente, mas, pelo contrario, seria até vantajoso que se occupasse de industrias e culturas mais lucrativas, porque assim poderia fornecer-se de materias de primeira necessidade com a troca d'uma parte dos seus valiosos productos. Mas infelizmente não é o que succede entre nós. Somos fracos industriaes; apesar de occuparmos um paiz essencialmente agricola, temos o solo mal cultivado, e nem sequer produzimos o necessario para a nossa alimentação. Carecemos de comprar ao estrangeiro o pão á custa das economias accumuladas da nação; e n'este commercio temos de dispender, não sómente o valor da mercadoria, mas, além d'isso, o premio do oiro, o preço dos transportes, e os lucros dos intermediarios. Por esta forma chegamos a gastar 200 para satisfazer uma necessidade imprescindivel que outros satisfazem dispendendo apenas 100; e esses 200 pagamol-os com as nossas reservas, o que representa um esgotamento successivo da economia nacional.

Temos experimentado as theorias de todas as escolas economicas. Já Pombal iniciára entre nós o *systema proteccionista;* a Inglaterra impoz-nos, *malgré nous*, como diriam os francezes, o *livre cambismo* com o tratado de commercio de 1810, que veio destruir a obra de Pombal. Agora voltamos novamente ao *proteccionismo*. Mas a producção nacional parece insensivel a esses vae-vens de systemas, porque lhe falta o elemento essencial para obter resultados praticos; esse elemento é o auxilio do espirito de iniciativa da nação. Somos um povo ainda tão atrazado, sob o ponto de vista industrial, que podemos ser classificados entre os paizes novos, onde está tudo por fazer. Por isso, o systema proteccionista póde ser realmente o mais proprio no momento actual da nossa evolução industrial. A infancia é sempre vacilante, e precisa de ser protegida. E' lei geral, commum tanto aos organismos animaes, como aos organismos sociaes, ou super-organismos, como lhes chama Herbert Spencer.

Mas é preciso não esquecer que póde ser protegido, que póde ser guiado, e que se póde aperfeiçoar sómente quem tem vida. Nada ha que fazer de um cadaver! Ora a vida das nações manifesta-se pelo espirito de iniciativa, pela actividade propria, pelo esforço que tem por fim crear maior somma de confortos aos individuos que a compõem. Se nada d'isso existir, se todos descançarem descuidosamente, confiados nos milagres do *proteccionismo*, não tardará que, ao esgotamento das economias dos consumidores, se siga a ruina dos *protegidos*, e a breves passos a... bancarrota geral.

*

Em 1891 a exportação nacional e nacionalisada foi no valor de 21:394 contos de réis; quasi 2:000 contos menos do que em 1888 e 1889.

Os productos que mais exportámos foram os que apparecem nas pautas com as seguintes designações: *substancias alimenticias*, no valor de 14:390 contos; *diversas substancias e productos*, no valor de 2:588 contos; *mercadorias livres de direitos*, no valor de 2:637 contos; *metaes*, 375 contos.

A exportação de qualquer outro producto não attingiu o valor de 300 contos.

Na exportação das *substancias alimenticias* occupam o primeiro logar os vinhos, no valor de 11:122 contos, sendo 7:220 contos de vinhos finos e 3:902 contos de vinhos ordinarios. Os paizes estrangeiros que foram os nossos melhores clientes são: a Inglaterra, que importou 3:692 contos de vinho do Porto, 266 contos de vinho de Madeira, 4 contos de outros vinhos licorosos, 9 contos de vinho branco commum, e 36 contos de vinho tinto ordinario; segue o Brazil, que importou 1:143 contos de vinho do Porto, 33 contos de vinho da Madeira, 13 contos d'outros vinhos licorosos, 93 contos de vinho branco commum, e 3:058 contos de vinho tinto ordinario; vem depois a Allemanha, que importou 700 contos de vinho do Porto, 140 contos de vinho da Madeira, 19 contos d'outros vinhos licorosos, 3 contos de vinho branco commum, e mais de 42 contos de vinho tinto ordinario; temos em seguida a França, que importou 135 contos de vinho do Porto, 261 contos de vinho da Madeira, 4 contos d'outros vinhos licorosos, 6 contos de vinho branco commum, e 173 contos de vinho tinto ordinario; mencionaremos depois a Suecia e a Noruega, que importaram 201 contos de vinho do Porto e pouco mais de 6 contos d'outros vinhos; a Dinamarca, que importou 198 contos de vinho do Porto, e pouco mais de 12 contos d'outros vinhos; a Hollanda, que importou 93 contos de vinho do Porto; a Belgica, que importou 81 contos do mesmo vinho; a Russia, que importou 34 contos de vinho do Porto, e 30 contos de vinho da Madeira, etc.

Estes dados não deixam de ser consoladores. Primeiramente, vê-se que a nossa principal exportação vinicola foi de vinhos do Porto e da Madeira que não teem similares no estrangeiros; isto assegura-nos a nossa clientella, porque não temos concorrentes que nol-a possam tirar. Em segundo logar, os nossos vinhos ordinarios são consumidos quasi exclusivamente pelo Brazil. De 152 contos de vinhos brancos communs que exportámos, o Brazil pagou-nos 94 contos, e dos 3:397 contos de vinhos tintos ordinarios exportados foram pagos 3:058 contos pelo Brazil.

Não temos, por conseguinte, de affligir-nos pela enorme colheita de vinhos que teve este anno a França. Esses vinhos não podem disputar-nos os mercados europeus que consomem os nossos vinhos do Porto e da Madeira pela sua qualidade especial, que os distingue de todos os vinhos finos estrangeiros. Não nos tirarão tambem facilmente o mercado do Brazil, porque a origem commum dos portuguezes e dos brazileiros, a corrente secular das nossas relações commerciaes, a similhança dos paladares dos consumidores, tudo nos garante que no Brazil os nossos vinhos terão preferencia sobre os vinhos communs estrangeiros.

Temos, pois, vasto campo para desenvolvermos desafogadamente a nossa producção vinicola, em especial dos vinhos finos. Em quanto á exploração dos mercados externos, nas cifras que acabámos de dar encontram-se indicações bastantes para nos convencer que uma grande parte de lucros do commercio dos nossos vinhos é aproveitada pelos intermediarios, devido a falta de iniciativa do commercio nacional. A Inglaterra, por exemplo, não consome decerto 3:700 contos de vinho do Porto, compra-nos esse vinho para fornecel o depois aos mercados de outros paizes. Porque não levaremos directamente para esses mercados os nossos vinhos? Em primeiro logar, o commercio nacional ganharia os lucros que tiram actualmente os intermediarios; em segundo logar, o commercio directo contribuiria para que se pudesse vender os nossos vinhos mais baratos no estrangeiro, o que não podia deixar de concorrer para augmentar o consumo e, portanto, a nossa exportação.

A acção do governo não pode, n'esta questão, ir alem do emprego de esforços para conseguir assignar com as differentes potencias tratados de commercio assegurando vantagens principalmente aos nossos vinhos finos, o que se deve obter sem difficuldades, visto não termos que luctar com a concorrencia d'outros productores. Deverá tambem o governo proceder com maximo escrupulo no escolha do nosso pessoal consular, de quem pode depender o estreitamento das nossas relações commerciaes com o estrangeiro. Tem se fallado ultimamente na introducção de vinhos hespanhoes no Brazil, attribuindo-lhes falsamente proveniencia portugueza, este facto demonstra, por exemplo a necessidade de confiar o nosso posto consular do Rio de Janeiro a quem esteja á altura de desempenhar condignamente aquelle difficil cargo. Em 1888 exportámos proximamente 5:500 contos de vinho do Porto, contra 6:400 contos em 1891, e contra 6:600 contos nos 10 mezes decorridos de janeiro a outubro de 1892. A exportação do vinho tinto ordinario em 1888 fôra de 6:400 contos, tendo a França importado no valor de 4:000 contos; em 1891 a exportação decahiu para 3:800, tendo a França importado somente no valor de 173 contos, mas importando o Brazil no valor de 3:098; nos 10 primeiros mezes de 1892 a mesma exportação subiu novamente a 4:150 contos.

Vê-se, pois, que se vae desenvolvendo successivamente o nosso commercio de vinhos finos, e que, se para os vinhos ordinarios perdemos o mercado francez, vão-se-nos abrindo outros, que podemos explorar com vantagem. Do nosso espirito de iniciativa, e da maneira mais ou menos intelligente, porque procedermos, dependerá o futuro do nosso commercio de vinhos.

A PRIMEIRA MISSA NO BRAZIL

Que magnifico assumpto soube escolher o grande pintor! A primeira missa no Brazil! A missa na floresta virgem, á beira-mar! entre a immensidade ignota das selvas e a immensidade desconhecida do Oceano! entre esses dois horisontes, onde, no dizer de um grande poeta, mais claramente se estampa a imagem divina da Providencia! Na orla do bosque inexplorado, onde os vagos murmurios da tarde, o gorgeiar das aves, e o palrar dos arroyos, compõem o hymno immenso do Creador, e revelam ao que duvida, como o capitão Paulo de Alexandre Dumas, a existencia de Deus, á beira das vagas, onde o rugir das tempestades é como que um ecco do *Dies iræ*, e o attestado grandioso da magestade do Omnipotente! Que templo mais sublime para a oração! que altar mais santo para se perfumar com puro incenso da fé! A cathedral gothica é bella, d'uma belleza triste e religiosa, e faz chover sobre nós, das altas abobadas, as inspirações do mysticismo, nos vidros de côr resplandecem as visões paradisiacas dos extasis dos ascetas, e a sombra vaga das columnas, as estatuas de pedra, reclinadas de mãos postas sobre os tumulos, os quadros dos altares em que se estorce um Christo magro e livido, côam-nos nas veias a melancolia pungente que se expande na prece humedecida de lagrimas — esse é o christianismo do claustro. O templo de Renascença, a basilica de S. Pedro deve ser magestosa e imponente, quando alli se apinhar a legião dos cardeaes vestidos de purpura, quando os guardas nobres, immoveis, com os seus ricos uniformes, nos angulos das capellas, se assemelham a estatuas pagãs vivificadas pela catholicismo, quando a turba encher a immensa e luminosa nave, quando o papa, com as suas vestes brancas e a sua tiara resplandecente, se voltar do altar mór, com a fronte coroada d'um nimbo olympico pelos jorros de esplendor que chove atravez da cupula de Miguel Angelo, o radiante céu de Roma; então devemos sentir uma impressão de arrebatado transporte, e todo o nosso ser se expandirá n'um arrobamento indizivel, e os nossos labios balbuciarão como que as vagas notas de um *Te-Deum* sonoro — esse é o christianismo do Vaticano.

Mas o templo verdadeiramente sagrado é o que tiver por cupula o céu azul dos tropicos, por arcarias as ramas recurvadas das arvores gigantes, por incenso o aroma das flores, por lampadario o sol, por orgão o immenso mar, por cantores de capella os passaros multicôres, por officiante um pobre padre, de rosto queimado pelos vendavaes do Oceano, por altar um cómoro verdejante, por crucifixo uma cruz singela, acabada de cortar nas arvores da floresta; então o que assistir a essa missa sublime julgará ouvir a voz de Jesus, prégando nas margens do lago de Tiberiades, e sentirá o coração fundir-se n'um extasi dulcissimo de affecto fraternal pela humanidade, de aspiração ideal ao bello e ao bom, e os seus labios murmurarão as meigas palavras das bem aventuranças, porque esse é — o christianismo do Evangelho. A missa na floresta era já por si só um assumpto admiravel, mas esta é mais do que isso, é a primeira missa no Brazil. Imaginae a scena!

Um dia Pedro Alvares Cabral sae do porto de Lisboa com a sua luzida esquadra, vae seguir no Oceano o rasto de espuma das quilhas de Vasco da Gama, vae demandar os esplendores do Oriente, desvendados ao mundo pela audacia portugueza. Atravez d'esse immenso deserto das vagas, vae procurar com o auxilio incerto de uma sciencia ainda balbuciante, as pégadas de Vasco da Gama estampadas n'esse campo movel, onde o fender da quilha deixa tanto rasto como a sombra do vôo da ave no areal das praias Inclina-se mais para o occidente, ou porque se teme das calmarias da costa da Guiné, ou porque a tempestade o impelle, ou porque uma vaga e ignota esperança lhe faz procurar o desconhecido, essa mina inexhaurivel que teve durante um seculo por mineiros unicos os portuguezes, e d'onde arrancaram successivamente ilhas, continentes, mundos, como o telescopio do astronomo arrancou aos abysmos do espaço as palhetas de oiro das estrellas.

Em breve se encontra em desconhecidos mares, a visão do mar Tenebroso atormenta ainda os crédulos marinheiros, caminham para o occidente, para o tumulo do sol, quem sabe se não será para alli que reinam as trevas densas sobre um mar em que as ondas sejam de betume e pez? Mas os navios lá vão, crentes na Providencia; as superstições podem ainda saltear o animo das equipagens, mas n'aquelle tempo a triplice camada de ferro que hoje veste e encouraça as amuralhas dos navios, encouraçava e vestia os corações dos navegadores. Nada podiam contra elles nem os bramidos dos *temporaes, nem as angustias das fomes*, nem os pavores da superstição, nem o estrepito das batalhas sobre humanas. E' ignoto o rumo? mas a Providencia vae ao leme; são mysteriosas as correntes das aguas? mas se ha alguma que possa conduzil-os á morte, nenhuma de certo os conduzirá á deshonra; novas estrellas se accendem n'um céu mais luminoso? é Deus que illumina o firmamento para festejar a marcha triumphal dos portuguezes; aves desconhecidas vem descançar do largo vôo nos mastros dos galeões? é que está proxima a terra; uma nuvem se encastella no horisonte, que traz no bojo talvez a tempestade e o naufragio? mas, como as féras encantadas dos romances de cavallaria, que devoravam quem tremia a ellas, e que diante da audacia dos cavalleiros intrepidos, se transformavam em formosissimas princezas, assim essa nuvem do horizonte, diante da qual não recuavam os galeões portuguezes, doirou-se com os raios do sol, tomou por inesperada magia fórmas encantadoras; é a gentil princeza dos tropicos, é a *belle au bois dormant* das selvas americanas, é a virgem das longas madeixas, recostada nos Andes e banhando os péz no mar, é a terra de Santa-Cruz, a filha do Cruzeiro, a esposa dos Cantares que espera ha seculos, ungida de perfumes, n'um leito de ouro e diamantes sob um docel bordado de estrellas, a vinda do Progresso.

Imaginai com que enthusiasmo saudariam os portuguezes essa terra novamente descoberta! como palpitaria o coração de Pedo Alvares Cabral, ao ver que o seu nome ia ficar estampado para todo o sempre nos fastos da humanidade, ao lado do infante D. Henrique, do de Gil Eneas, do de Bartholomeu Dias, do de Vasco da Gama, do de Christovão Colombo! Como se orgulhariam as ver fluctuar no tope dos mastros, ao sopro do vento americano, a bandeira das quinas, essa precursora sublime da civilisação, esse estandarte da vanguarda, o primeiro que se plantava sempre nas terras conquistadas ás sombras do mysterio! Decididamente Portugal era o confidente da Providencia! Era o pescador abençoado, que, ao lançar a rede na vasta amplidão dos mares, trazia de cada lanço, colhidos nas malhas da sua audacia intemerata, uma ilha, ou um continente! Era o mergulhador sublime que, immergindo sem descorar nas profundezas dos horisontes, trazia de lá, como o pescador de Ceylão, as perolas transparentes, novos mundos viçosissimos, essas perolas do desconhecido! Déra Deus a Pedro Alvares, como outr'ora Virgilio a Eneas, o ramo d'oiro da Sybilla com que podera atravessar incolume o inferno das tempestades, para chegar emfim a esses Campos Elysios da America, mais verdadeiros e mais resplandecentes, do que os jardins immortaes sonhados pela antiguidade pagã! Concedera-lhe Deus a ventura suprema de poder engastar uma nova joia no diadema do seu rei, de doar á sua patria um novo territorio, á civilisação um novo tabernaculo, ao christianismo um novo altar! A cruz da sua espada fôra de certo o talisman bemdito, com que podera quebrar o encantamento d'essa afilhada das fadas do Equador, adormecida durante seculos na sombra mysteriosa das suas florestas, por traz da cortina espumosa das vagas! Jubilo sublime e sobre humano, hoje desconhecido, e que sentiram com tanta vivesa os nossos antepassados, e mais do que nenhum outro, Pedro Alvares Cabral! Hoje Livngstone pode percorrer os desertos africanos, explorar o prolongamento das terras desconhecidas; Cameron pode preencher as lacunas, deixadas no mappa entre a costa oriental e e costa occidental da Africa, Bruce, Speke e Grant pode m encontrar mais uma cataracta do Nilo, mais um lago que elle atravessa, mais um monte por cujas faldas desaba um novo affluente: Stanley pode seguir até á sua nascente o Zaire amplo e torrencial, e determinar, entre o labyrinto de agua que se cruza no centro da Africa, a individualidade do grande rio; Dumont d'Urville, Ross, Mac-Clure, Franklin, os capitães do *Alert* e do *Discovery* podem juntar mais um pedaço de gelo aos montes gelados que marcam ao norte e ao sul os confins do nosso planeta, mas esse prazer supremo, olympico, de vaguear em mares dosconhecidos mas resplandecentes, de dia com os raios do sol equatorial, á noite com as tremulas scintillações da ardentia luar das vagas, e ver surgir de subito como ao toque de magica varinha, um novo continente em toda a immaculada flôr da sua existencia, um mundo fresco, viçoso, conservando intacto o signal das mãos do occidente, ver apparecer, saindo das aguas como a Venus Aphrodite da espuma jonia, com as verdes tranças dos arvoredos soltas sobre as espaduas das montanhas, com a fronte cingida de grinaldas de bromelias escarlates, como as noivas virginaes com as alvas corôas de flôr de larangeira, uma terra virgem que ri ao sol de Deus e offerece ao homem a luxuria fecundidade das suas entranhas! descobrir no meio d'essa paisagem 100 vezes mais maravilhosa do que as sonharam Tasso, Ariosto e Camões os seus jardins de Armida ou a Alcina, ou para a sua ilha dos Amores; tremer a cada instante que tudo desapparece como um sonho de poeta quando se acorda para a realidade; esperar a cada momento que surja no meio d'essa decoração sumptuosa, mais brilhante do que nunca a sonharam os phantasiadores dos contos orientaes, a aérea fada, rainha d'esses paizes encantados! ter na vida real as commoções que Orlando, ou Renaldo só poderam sentir na imaginação dos seus cantores! ver-se transportado, de subito, da pallida e fria Europa, e do tombadilho da nau levada ondas, para um d'esses mundos paradisiacos, onde os passaros de plumagem de oiro e prata cantam á beira dos ninhos nos ramos flexuosos que se entrelaçam em labyrintho de verdura, onde a terra aquecida pelos beijos de um sol de fogo, exhala aromas que perfumam as roupas dos viajantes e podem fazer crer aos seus compatriotas, quando voltarem á terra do seu berço, que atravessaram as selvas floridas e rescendentes do Eden, como o S. Brendam das lendas irlandezas! ter n'um momento da vida terrestre essa visão inesperada e radiosa! isso devia ser, era de certo um d'esses prazeres superiores a toda a expressão humana, como o que sentiu algum d'esses pastores da fabula, que, arrebatado durante o somno ou pela aguia de Jupiter, ou pelos corceis que tiram atravez do espaço o carro argenteo de Diana, depois de adormecer na terra, acordava de subito, á meza dos deuzes, entre os esplendores do Olympo. Mas, alem deste prazer inspirado por este festim dos sentidos que refrescava e arrebatava os navegadores depois da procellosa viagem, havia um outro jubilo mais intenso, e mais nobre, o que dá a consciencia de um grande feito! o sentimento de um grande serviço prestado á humanidade! Archimedes, quando descobriu o principio fundamental da hydrostatica, percorreu como um louco as ruas de Syracusa, bradando *Eureka*, Fulton chorou quando recebeu o dinheiro da primeira passagem a bordo do seu *steamer!* Watt, quando encontrou o condensador que encerrava em si a applicação industrial das machinas de vapor, Stephenson quando pela primeira vez atrelou uma locomotiva a um wagon, e largou atravez das planicies o galope phantastico d'esse cavallo de fogo, Galvani quando sentiu estremecer a rã sacudida pela corrente electrica, Montgolfier quando viu fluctuar no espaço entumecido pelo ar dilatado, o navio ainda sem leme da atmosphera, deviam sentir esse prazer supremo do homem que contribuiu para ampliar as forças da humanidade! mas que são todos esses serviços, comparados ao que prestaram estes grandes navegadores que arrancaram metade do planeta ao ergastulo do Oceano? Watt, Galvani, Volta, Lavoisier déram novos agentes á intelligencia humana, novas charruas á civilisação, mas Pedro Alvares Cabral dava-lhe o campo aravel, a terra fecunda, a materia prima do progresso.

Pinheiro Chagas,

CARTA DE CANTANHEDE

18 DE DEZEMBRO DE 1893.

Eram em numero de 240 as reclamações que foram decididas pela junta dos Repartidores da Contribuição Industrial, as quaes foram todas deferidas pela junta, levando recurso segundo nos consta o escrivão de fazenda de quasi todas.

Os contribuintes estão muito descontentes, o que poderá causar serios desgostos ao referido escrivão.

— Houve arrematação dos impostos indirectos pertencentes á camara, os quaes não foram arrematados por ser a base da licitação muito subida. Durante a arrematação, houveram algumas scenas pouco agradaveis, devido a quem não sabe nada com presumpções a esperto.

— No proximo dia 21 tem logar a arrematação do rancho dos presos.

— Reuniu o tribunal commercial, a fim de qualificar a quebra de Manuel Ferreira da Silva.

— A nova lei de contribuição industrial, não foi bem acolhida *n'este* concelho, a qual é aqui tambem muito censurada e repugna até fallar em tal aos contribuintes.

— Tem roubado aos proprietarios dos viveiros de bacellos americanos, muitos bacellos.

— O grupo dramatico, tenciona dar uma recita pelo natal, levando á scena as comedias *o tio Torquato*, *cho-*

17

FOLHETIM

HENRIQUE PEREZ ESCRICH E FRANCISCO DE P. ENTRAAL

MAGDALENA

PRIMEIRA PARTE

REVELAÇÕES DE UM DOIDO

III

DUVIDA

Decorridos alguns momentos de meditação, o digno doutor começou com tristeza:

— Ha aproximadamente cinco mezes que Paulo Rober chegou a esta casa hospitaleira. Se fôra um simples desconhecido, eu teria dito sem vacilar: este homem não está louco; mas foram tantas as prevenções que nos fizeram, antes da sua chegada, que ao realisar-se esta, já eu tinha preparado o collete de forças e tudo quanto pode moderar os accessos de um furioso. John Strey teve commigo uma longa conferencia. — Ha tempo, disse-me elle, que Moran e eu notavamos em Paulo um descaimento moral extraordinario. De um mez a esta parte iamos observando com desgosto que passeava a deshoras, ou então não saía; fallava pouco, abstraía-se com frequencia, e soffria visiveis arrebatamentos. Morau e eu esperavamol-o, ha poucas noites, para tratar de um certo assumpto. Paulo chegou, e ao começar-mos a conferencia, alterou-se horrivelmente e ameaçou Moran, a ponto tal, que se por ventura eu não estivesse alli, não sei o que succederia.

— Paulo praticou isso?— perguntou Magdalena com estranheza.

— Assim m'o referiu John Strey, — respondeu discretamente Mendoza.

E continuou:

— Tambem me disse que na referida noite, Paulo, inteiramente transtornado, se exaltára e proferira por ultimo mil inconveniencias calumiosas contra Guilherme Moran. Era evidente a loucura.

— Na opinião d'elles — emendou com amargura Magdalena.

O medico arqueou as sobrancelhas, e proseguiu:

— Em resumo, minha senhora John disse-me ao despedir-se:

— Paulo é um pobre filho da desgraça, um desamparado a quem Guilherme Moran deu protecção. Como só elle tem poder sobre Paulo, cuja loucura é indubitavel, e como elle é o unico responsavel dos actos d'este moço, encarrega-me de pedir aos senhores que o tratem com esmero, mas que não permittam, sob pretexto algum, que pessoa extrenha ao estabelecimento lhe falle.

— Antes de reflexionar sobre isto — disse Magdalena — desejaria que o senhor me dissesse o estado em que Paulo se achava quando entrou aqui, e aquelle em que se encontra na actualidade.

— Quando John partiu, entrei na cella que servia de prisão ao enfermo. Immovel ainda, volveu os olhos até fitar-me de um modo severo e melancolico. Tomei-lhe o pulso em silencio, e com surpreza observei que depois de decorrerem quatro ou cinco minutos, durante os quaes o enfermo soffrera calado o meu exame, em vez de exaltar-se, apenas me disse: — O senhor é um novo sicario de Moran? — Ao pronunciar estas palavras, trahia um certo receio e despeito. Pareceu-me vel-o n'um periodo lucido, e respondi-lhe: — Meu amigo, fique sabendo que lhe quero bem e que não tenho relações algemas com o sujeito que nomeiou — Muito estimo — tornou Paulo — porque Moran é um infame. — Ao mesmo tempo empallideceu de ira, e guardou silencio. Depois de longa pausa, continuou com brandura: — Se é certo querer-me bem como diz, rogo-lhe que comece a demonstrar-me a sua estima desatando estas ligaduras que me matam. Não tema coisa alguma: sei onde estou; suspeito que o ssnhor é o medico encarregado de tratar os pobres loucos que habitam este hospital, e por agora garanto-lhe a minha razão. — Este rapaz não está doido! repeti encolerisado commigo mesmo por haver consentido n'aquella infamia. Em seguida fechei por dentro a porta do quarto, tirei as ligaduras de Paulo e sentei-me a seu lado. Sacudiu os membros entumecidos, apertou a fronte, olhou para min quasi choraudo de gratidão e sentou-se no leito. — Oh! muito obrigado, disse-me, jamais poderei pagar-lhe este favor. — E apertou-me as mãos com ternura. Duvidando do seu estado perguntei-lhe: — Quer saír d'aqui? — Para que? respondeu-me sorrindo: os loucos a quem terei por companheiros talvez possam dar-me a felecidade que os ajuisados me roubam. — Quer passear? — Não; verei o estabelecimente mais tarde; mas rogo-lhe que me mande para o sitio mais retirado da casa, porque muito me impressionaria ouvir os gritos d'esses infelizes. — O senhor conhece o homem que o trouxe aqui? — John Strey? disse Paulo sorrindo tristemente; falle-me de tudo, menos d'elle. — Paulo estava em seu juizo. Ainda que não mo houvessem revelado as minhas observações, asseguravam-m'o as suas palavras. Resolvido a não consentir n'aquella infamia, abracei-o ternamente e disse-lhe: — Meu amigo, eu não posso ser cumplice de um crime. A'manhã estará em liberdade. Ouvindo estas palavras, Paulo estremeceu, fez-se muito pallido e nada mais disse. Desde então mostra medo quando me vê, foge de mim, esconde-se, grita, ri, e com quanto não falte quem assegure tol-o ouvido fallar lucidamente, eu creio que está louco. Tenho esperança de cural-o, e isto unido ao interesse que me inspira, obriga-me a respeitar a ordem de Moran.

Magdalena meditou um momento, dizendo depois:

— E não lhe causou estranheza essa ordem?

— No primeiro dia da enfermidade, causou.

— E depois, não?

— Não, porque Moran só podia ter empenho em Paulo não fallar, se por ventura elle não estivesse louco e podesse delatar alguma acção censuravel.

— E quem assegura a demencia de Paulo?

— Eu, minha senhora.

— E pode dizel-o com certeza?

— Certeza completa.

— Desgraçadamente, ha casos em que a sciencia pouco vale.

— Pois bem, doutor, desejo por mim propria adquirir essa certeza.

— E' impossivel, minha senhora; Moran tem poder no doente, e acceder seria expôr-nos a não ornar a ver Paulo.

Magdalena fez um gesto de resignação, e replicou:

— Tem rasão; mas assiste-me o direito de fazer os juizos que intender, e de involver o medico d'este estabelecimento nas suspeitas que tenho contra Moran.

— Mendoza ergueu-se indignado, e respondeu em tom solemne:

— O menor vislumbre de suspeita offende-me:

— Se o doutor quer que essa suspeita desappareça, condescenda com o meu desejo.

— Já disse que não posso.

— Pelo interesse que Paulo lhe inspira?

— Precisamente.

Mas se o senhor é, como disse, peregrino da sciencia, deve confiar no seu assentimento. O mais que nos pode succeder é levarem-nos o doente, e nós termos de ir procural-o aonde estiver. Os titulos de doutor abrir-lhe-hão o hospital que o encerrar, e acima da responsabilidade que o senhor contraír, estará sempre o prazer de haver beneficiado um infeliz.

Mendoza estava attonito. Os argumentos de Magdalena pareciam-lhe incontestaveis.

— E o director? — disse vacillante — não consentirá e...

— E não ha meio de Paulo vir aqui sem ser visto?

— Esta porta communica com as galerias, as quaes se prolongam até ás escadas do jardim. Mas tudo é inutil, porque Paulo não quererá subir.

— Experimentemos: se não me reconhecer, ir-me-hei condoida da sua desgraça, mas em compensação levarei a lembrança de um amigo generoso que protege o infortunio.

Mendonza, dominado pelas phrases de Magdalena, appaximou-se da porta indicada, abriu-a, e indicando-lhe delicadamente o caminho que delicadamente o caminho que devia seguir para encontrar Paulo, accrescentou:

— Não quero que me veja, mas estarei escondido para prevenir o que possa succeder.

— Obrigado, senhor de Mendoza — disse Magdalena atravessando o limiar.

Quando se viu só, elevou os olhos ao ceo e murmurou:

— Meu Deus, dae-me forças para cumprir a minha missão!

(Continua.)

rar e rir e os *dois mundos*. Consta-nos que o espectaculo principia ás 8 1/2 em ponto ainda que não tenha chegado a musica.

— Tem-se vendido aqui aos domingos a *Voz Publica*.

— O delegado, que o centro progressista de Mira, enviou á reunião magna, o sr. dr. João Maria Callisto. Este cavalheiro foi encarregado do centro d'aqui, de entregar um officio, no qual eram conferidos os poderes ao illustre chefe do partido progressista sr. conselheiro José Luciano de Castro.

— Foi já nomeada a commissão da junta que tem de funccionar no proximo anno, segundo a lei da contribuição industrial, a qual é composta de homens lignos, em toda a extensão da palavra.

— Aos nossos amigos e collegas que me deram provas de verdadeira amizade e estima durante os meus padecimentos, agradeço reconhecidamente os seus cuidados, os quaes não poderei olvidar jámais.

Reis da Silveira.

NOTICIAS DIVERSAS

Uma livraria importante. — Escrevem-nos de Villa Pouca d'Aguiar o seguinte:

O rev. Manuel Gonçalves Marques Penousal, abbade de Soutello do Valle, acaba de adquirir por compra aos herdeiros a livraria que portenceu ao finado reitor de S. Martinho de Bornes, Manuel Henrique da Silva Machado, sem duvida a maior e melhor livraria de Traz os Montes. Abundantissima em classicos latinos, portuguezes, hespanhões e francezes, é especialissima em livros raros e curiosos. Consta de 5:000 volumes e custou ao extincto Machado, passante de 4:000$000 reis. Esta riquissima livraria foi já transferida para a residencia parochial de Soutello, onde póde ser visitada e admirada pelos bibliophilos. O rev. Penousal possuia já uma livraria de 4:000 volumes e dizem-noe que torna a vender a do reitor de Bornes. N'esta mesma livraria ha preciosos manuscriptos s entre elles os seguintes: *Memorias de Villa Real*, *Peculio Genealogico*, *Nobiliario Transmontano* e a *Revolução do Silveira*.

Um templo incendiado.—A's nove horas da noite do dia 11, declarou-se violento incendio na egreja de Santo Izidro em Salamanca. O fogo tomou logo estraordinarias proporções, ameaçando propagar-se ás casas contiguas á igreja. As auctoridades accudiram logo, dando ordens convenientes para a extincção do incendio. O povo rivalisava em audacia com os bombeiros, trabalhando para localisar o fogo, o que se conseguiu, depois de muitos esforços. Cerca da madrugada o sinistro foi suffocado: porém o templo ficou quasi destruido. A nave central queimou-se completamente. Uma outra das naves lateraes offerece imminente perigo de ruina, assim como a torre, a qual, para evitar desgraças, deve ser derribada. Não houve victimas. As perdas materiaes ascendem a enorme quantia. Ignoram-se ainda as causas do sinistro.

As fortificações de Pariz.—Diz uma folha pariziense que em breve se vai proceder a importantes trabalhos para a construcção de uma estrada estrategica no campo entrincheirado de Pariz, que terá cerca de 17 kilometros de extensão e que passará por diversos fortes. O mesmo jornal acrescenta que a defeza de Pariz, está particularmente interessada na prompta execução d'esta estrada, empenhando-se a auctoridade militar em que a sua construcção se faça o mais rapidamente possivel.

Gruta de Cervantes.—No dia 20 do proximo passado mez de novembro, celebrou-se em Argel a annunciada reunião para reparar a gruta que foi refugio de Cervantes em 1758, em reunião com os seus quatorse companheiros. Esse acto, presidido pelo conhecido litterato D. Antonio Alcalá Galiano, consul geral de Hespanha, foi verdadeiramente solemne. Para levar a cabo tão levantando projecto nomeou-se uma commissão.

A vaccinação colerica. — O cactrologista russo Haffkine que, como em tempo dissemos, partira para a India a fim de combater o cholera por meio da vaccinação anti-colerica, percorreu em quasi toda a sua extensão os territorios que passam por ser os focos constantes da infecção cholerica, chegando mesmo aos confins do Afghnistan. N'esta viagem fez Haffkine quatorze mil inoculações, ficando os inoculados confiados a medicos locaes. Pelo que estes medicos téem transmittido, parece que a vaccina tem dado satisfactorios resultados. Comtudo Haffkine não dá como concludentes as experiencias, porque este anno o cholera não foi violento na India.

Os assassinos violentos.—Em Toledo foram condemnados á morte, por terem assassinado um homem chamado Antonio Choco, dois malvados: um, chamado Carniceiro, por alcunha o *Maricas*; e outro, chamado Paschoal, por alcunha o *Olhos de Santo*. Os sentenciados ouviram serenamente a condemnação, e o Carniceiro, quando lhe apresentaram a sentença para assignar (é lá costume assim) disse com arrogancia.

— Cuidam porventura que me acobardo?

Os assassinos violentos fazem gala da sua audacia e valentia; o contrario dos assassinos covardes, como os envenenadores, que jámais confessam o crime e se emmaranham em evasivas e poltronices. E o que teem observado os criminalistas.

O etherismo.—Um medico inglez fez curiosas observações ácerca dos effeitos do ether como bebida habictual no organismo humano. Os principios do etherismo parecem remontar a 1848, e de então para cá, sobre tudo nas povoações da Irlanda, desinvolveu-se aquelle vicio em proporções assustadoras. Ha no Norte da Irlanda tabernas de ether, como se fossem cafés ou cervejarias. N'ellas por um vintem tem-se uma dóse de ether de 10 a 15 grammas. N'uma povoação duas d'estas tabernas n'um só anno de 1:200 *galões*. Toda a gente bebe: homens, mulheres e creanças. Nos dias de mercado, a atmosphera das praças em que elle se realisa, está saturada de vapores de ether. Os wagons dos caminhos de ferro em todo o paiz estão impregnados de ether. Bebe-se o ether puro em calices de 10 a 14 grammas; antes e depois, os que ainda não estão acostumados a esta beberagem, de extremo sabor acre, tomam um gole de agua, afim de attenuar a sensação ardentissima que se experimenta.

Mas os velhos bebedores não tomam esta precaução, e chegam a tragar 150 grammas de ether d'um só gole, absorvendo de este modo meio litro, em tres ou quatro vezes. Em dóses elevadas, causa uma excitação violenta, salivação abundante, eructações; a cara congestiona-se e depois torna-se livida; sentem-se dôres muito vivas e grande ardor no estomago; depois d'uma grande excitação, sobrevém um estado de modorra, que desapparece passado pouco. O que distingue a embriaguez do ether da alcoolica, é a rapidez com que se produz e desapparece. Isto permitte ao bebedor renovar muitas vezes ao dia a sensação que alli procura. Um bebedor de ether póde embriagar-se doze ou mais vezes ao dia. No fim de tempo, o etherismo determina um estado analogo ao alcoolismo; a gastrite chronica, as tremuras desarranjos cardiacos, postração nervosa. A tendencia para as desordens, para as violencias, para os crimes, é egual á que experimentam os bebedores de alcool.

Um calculo curioso.—Um amador de calculos que seguramente, sonhou com o premio maior da loteria do Natal, fez as seguintes averiguações: São precisos vinte e um dias e vinte e duas noites para contar os 600:000 duros. Formariam uma columna de kilometro e meio. Invertidos os tres milhões em vinho, poder-se-hia comprar um milhão de cantaros, para cujo transporte seria precisa uma recua de 50:000 machos, e assim continúa fazendo calculos do que póde adquirir-se com aquelles tres milhões de pesetas.

Processo curioso. — Um proprietario do Hanover, um tal Kettenburg, intentou um processo curioso contra o fisco da Suecia. Diz o demandante que depois da morte do rei Gustavo Adolpho, a Suecia, achando-se assoberbada com grandes difficuldades financeiras, pediu dinheiro emprestado a varios protestantes allemães, entre elles Jacques Kriòves, commerciante em Lubeck. A regencia sueca, reconhecen, em uma obrigação datada de dezembro de 1636, dever a Kriòves a quantia de 68:500 francos, e esta divida nunca foi saldada. O documento que a prova está em poder de Kettenburg que declara contentar-se com 230:000 francos, se o governo sueco quizer resolver a questão por accordo amigavel.

Os credos dos grandes homens.—Todos os grandes homens téem os seus creados confidentes, os quaes participam da importancia de que gosam os amos, nos quaes exercem grande influencia, mais do que qualquer grave personagem ou obsequiosa dama. Dá-se isto especialmente com os creados dos politicos. E' um dos typos immortilisado por Lesage no *Gil Braz de Santilhana*. Entre nós, por via de regra, é o barbeiro confidente nos grandes homens. Com Gladstone aconteceu agora um caso que tem dado que falar em Londres: o creado grave seu confidente desappareceu subitamente, sem dizer chuz nem buz, o que preoccupou muito a *great old mand*. A que attribuir tão mysteriosa desapparição? Gladstone sentia certo remorso, porque ha dias reprehendera-o ligeiramente, por uma pequena falta. Suicidar-se-hia, por isso, o creado que o servia ha vinte annos? O certo é que nos periodicos londrinos sahiu um annuncio, promettendo uma boa recompensa em dinheiro a quem soubesse dizer o paradeiro de Ladock Outram, que assim se chama o desapparecido, cujos signaes, altura e costumes, as gazetas especificam. Em Londres não se fala d'outra cousa e a expedita policia londrina fareja por toda a parte, porque o presidente de ministros está sériamente preoccupado com o negocio.

Navio monstro.—Acaba de ser construido em Bath, Maine, Estados-Unidos, um enorme navio que apresenta as seguintes dimensões: Comprimento total, 100m,88; idem de quilha, 94m,79; largura, 15m; calado, 8m, 86; altura sobre a linha de fluctuação, 8m,23. Tem quatro mastros, o maior dos quaes mede 60m,95 de altura sobre a ponte; o da mensena, 27m,73; e os outros 29 e 28 respectivamente; as vergas inferiores téem 28m,85 de comprimento. A tripulação compõe-se de 40 homens. Este grande veleiro sahiu de Nova-York para S. Francisco, com carregamento de 5:000 toneladas. A circumstancia dos estaleiros de Bath se apressarem a adquirir as machinas e ferramentas necessarias para construir cascos de ferro e aço, faz crer que o *Roanock*; que assim se chama o navio em questão, será o ultimo grande veleiro construido de madeira nos Estados-Unidos.

A crise universal. — D'uma correspondencia de New-York para um jornal estrangeiro, extrahimos a seguinte nota sobre a situação financeira dos Estados-Unidos do Norte, um dos paizes mais ricos do mundo:

«Para dar uma ideia da intensidade da crise, reproduzimos aqui dados das exactas informações de Bradstreet: O numero de fallencias de janeiro a abril d'este anno montou a 3069, compromettendo a somma de 39.424.000: réis. em dinheiro. Estas extraordinarias cifras tornam-se esmagadoras, se accrescentarmos que de abril ao corrente mez teem quebrado 2:928 casas, sendo ainda de esperar que a egual, se não superior cifra, attinjam as fallencias n'este mez. Deve-se ainda notar—para bem perceber o profundo abalo e extensão da actual perturbação financeira e seus funestos effeitos—que em epocas normaes mais de 90 p. c. das fallencias foram de firmas com 5.000$000 réis de capital; ao passo que na crise actual as firmas d'aquella cotação representam de 65 p. c. a 70 p. c. das 5.997 fallencias de este anno».

Outro invento de Turpin.—Turpin, o inventor da melinite, e por causa da qual esteve preso na cadeia de Etampes, acaba de publicar um livro sobre as causas dos phenomenos da natureza e no qual descreve um apparelho com que se propõe destruir os *tornados* ou trombas mariuhas. Ao apparelho deu o nome *paratornado*. E' uma especie de torpedo cylindrico, munido de certo numero de detonadores, collocados horisontalmente sobre a circumferencia. Cada detonador é occasionado por uma alavanca que, quando o vento é demasiado forte, determina a explosão do torpedo sendo esta explosão que deve destruir, não os cyclones, mas as trombas que tantas devastações causam. Como os tornados são frequentes na America, Turpin é aos americanos que se dirige para que façam as primeiras experiencias do seu invento.

SECÇÃO AGRICOLA

E' do *Elvense*, a seguinte revista:

O principio do anno agricola.—Opportunidade das chuvas outomnaes.—As sementeiras e as lavouras.—Abundancia de pastagens.—Os gados e as creações das differentes especies.—Estado e preços das feiras e mercados, com relação á maior parte dos productos agricolas.

Como em 1891 e 1892, este anno agricola de 1893 principiou o melhor possivel para a agricultura alemtejana. Oxalá os fins sejam differentes, porque, apesar de taes annos começarem muito bem, terminaram comtudo bastante mal, especialmente o primeiro, que foi dos peores que temos visto.

As chuvas do presente outomno vieram logo na epoca propria, repepetindo-se frequentemente e de maneira que ainda se não conheceu a menor estiagem, antes tem chovido em demasia nas ultimas semanas, o que atrazou as sementeiras dos cereaes. Todavia, apesar de semelhante contratempo, as sementeiras vão estando concluidas ficando todas com serviços magnificos. As searas mais temporãs já ha muito que se vêem nascidas, sendo excellente o seu aspecto.

Como atraz dissemos, as lavouras ficam em bom estado. Mas esta apreciação refere-se apenas ao arroteamento das terras, que effectivamente não é possivel ser melhor. Prejudica-as comtudo uma grande quantidade de hervas damninhas de que é forçoso limpal-as n'uma epoca assás proxima.

*

Ahi pelos meiados d'outubro já os alqueives e pousios estavam revestidos de tenras pastagens, que pelo seu muito desenvolvimento abasteciam á larga toda a casta de gado meudo. E essa abastança tem continuado até hoje, sendo altamente benefica para todas as especies pecuarias.

As creações temporãs dos lanigeros e caprinos são pois optimas, pelo que respeita á qualidade. Emquanto á quantidade, não se póde affirmar outro tanto, pela rasão de ser diminuta em ambas as especies.

Tanto ovelhas como cabras, houve muitas que se não cobriram na epoca do costume por estarem então atacadas da febre aphtosa.

Beneficiaram-se depois mais tarde, quando lhes passou a pertinaz doença. Portanto d'aqui a dois ou tres mezes deverá haver extraordinaria abundancia de borregos e chibos *redolhos*.

A creação *montanheira* de gado suino é pequena e ruim. Pequena, por que logo que as porcas pariram os lavradores prevendo escassez e carestia de alimentos apropriados, mandaram dizimar os leitões; ruim pelo motivo de os mesmos terem pouca bolota para comer. Pela mesma circumstancia passam egualmente mal os bacoros *herviços* e *farropetes montanheiros* que constituem as *corridas*.

Emquanto ás *varas* de engorda, tambem não podemos dár noticias lisongeiras.

Os montados de azinho accusam uma auzencia de novidade verdadeiramente extraordinaria. Vêem-se dezenas de azinheiras sem uma unica bolota. Attribue-se este facto aos effeitos do *burgo*—insecticida que ataca as arvores dos montados, e que este anno appareceu em larga escala.

Nos de sôbro a producção é melhor, embora não seja abundante.

O que desde já se póde dizer, é que a maioria dos nossos montados estarão comidos logo nos principios de janeiro, não acabando de engordar os porcos em que os encabeçaram, e cujo numero é metade ou um terço dos annos regulares. Sobre os gados bovino e cavallar devemos dizer que é bom o seu passadio.

Nas vaccadas começaram a parir as vaccas mais temporãs que são sempre poucas. O maior numero pare na primavera e até no começo do verão.

O estado sanitario dos gados em geral póde considerar-se bom. E' certo que entre os lanigeros e bovinos ainda se notam individuos soffrendo os effitos da febre apthosa e da variola, nos primeiros; mas todos elles se pódem considerar convalescentes, devendo estar sãos de todo n'um periodo muito curto.

Nas ultimas feiras os preços dos gados mantiveram-se na alta que teem tido exceptuando os porcos e muares que teem baixado sensivelmente. Os cereaes tambem desceram, facto attribuido á entrada dos trigos americanos. Em todo o caso ainda conservam os seguintes preços:

Trigos, alqueire ou 13, 39.....	570 a 600
Centeio, idem, idem....	450 a 460
Cevada, idem, idem.....	310 a 330
Aveia, idem, idem.....	240 a 260

Começou o apanho de azeitona. A colheita é mediocre e a producção em azeite não se presume boa pela má qualidade de azeitona. O azeite regula de 2$000 a 2$100 réis os dez litros.

O vinho novo é pouquissimo, mas bom. O preço dos vinte litros regula de 1$800 a 1$900 réis.

João Chaparro.

SECÇÃO LITTERARIA

SOMBRAS

PROSAS

DE

A. A. DE LIMA DUQUE

VIII

PORQUÊ?

Se a rôla geme triste no seu melanchólico cantar, se a lua empallidece no seu alvôr de luz; porque não hei-de eu impregnar de maviosissimo queixume os meus delirios litterarios, se, como a rôla, aprendi a tecer em lagrimas os meus intimos poemas se, como a lua, já era melancholico nos annos da minha infancia?!

As aves, coitadas, porque não sabem traduzir em pranto as suas dôres escondidas modulam em seus gorgeios o desalento e a tristeza: os outros animaes gemem á nossa semelhança e a lagrima não raro brilha no ambito das suas pupillas, veladas de tristura e languidez. As plantas pedem ao ceu nas noites serenas da primavera o orvalho bemdito que lhes arreméde o chorar que a Natureza lhes negou; e não poucas são as flôres que desbotam as suas côres á mingoa d'ar e luz, que são o enlêvo inteiro da sua existencia ingénua.

Como não hei-de eu gemer tambem e pedir confôrto ao pranto; se, mais sensivel ao desgosto do que as aves e os outros animaes, mais cheio de sentimento do que as plantas que vegétam, mais rico de poesia do que as flôres que empallidecem, —tambem sinto as tempestades que açoutam exteriormente todas essas creaturas, rugir estrondosamente no intimo da minha alma?!

E tu, ó Providencia, ensináste-me a soltar o primeiro queixume amargo d'envolta com o primeiro vagido que fiz soar no mundo: e o pranto não tardou, humedecendo as minhas faces, talvez poucos momentos depois que vi a luz!

Para que hei-de eu pois esconder, como um thesouro roubado, o meu thesouro de lagrimas, já quasi exhausto em mim?

Nas selvas ha rumôres que são os mysterios da noite, contados surdamente pelo vento ás arvores seculares que se inclinam para ouvil-os: tambem no coração do môço e do poeta ha esses bruidos vagos, que são os segredos do sentimento, contados pela saudade aos ouvidos da memoria, que se abre para gravál-os nos seus annaes escuros!

Para que hei-de eu pois calar dentro de mim os echos da phantasia quando revoéja triste sobre os abysmos do pretérito, illuminando-os com um jacto vivissimo de luz, que dá côr ás estatuétas desmaiadas que baixaram a esse abysmo e vida a todos os espectros que pairam no seu ambiente?

A nuvem quando nos ares engrossa pezadamente, vestindo-se com essa côr carregada que nos assombra, não tarda a desfazer-se em aguaceiros de prata que o sol oscula a custo em beijos de fulgor: porque ha-de pois n'esta alma tornar-se dia a dia mais pezada a nuvem da saudade, a lutuosa nuvem, e não hei-de eu desfazel-a em lagrimas d'allivio, que o astro do talento venha oscular com fogo?

Porque não hei-de eu pois cantar, gemer, chorar,... emfim chamar á luz as idas visões douradas dos dias que lá vão e sobre ellas esparzir as flores do sentimento; se eu tenho no meu craneo um oceano de miragens e dentro do coração um fundo mar d'amor?

*

Chimera! O' fada vaporosa das almas sonhadoras, virgem phantastica do poeta cujos labios se abrem aos seus ouvidos em carmes de suavissimo condão: eu te evoco a sós commigo, n'esta solidão do pensamento.

Abre-me tu a immensa via dos teus dilatados horisontes e deixa-me correr como um louco, a quem fascinam as alvoradas mysteriosas do sobre-natural, por esses campos do imaginativo que são dominio teu e onde as flôres da poesia rebentam espontaneas e viçosas, espalhando pelos ares a alacridade dos seus perfumes!

E d'ahi quem sabe? Talvez tu, ó chimera sejas essa divindade nuptica—a Verdade—; e o mundo na sua febre de realismo inconsciente te vestisse os europeis do sonho, sendo tu a realidade da vida?! Pois quê?

Ha porventura maior somma de louco idealismo no phantasioso dos teus fructos, do que eu vejo de chimérico e d'apparente na prole d'essa loucura a que chamam realidade?

O que existe, miseraveis adoradores d'essa gangrena a que chamaes philosophia positiva, de positivo e de real, áquem d'esse Universal Principio, regulador dos mundos, intangivel como o pensamento, invisivel como o espirito?

Não será porventura uma doentia idealidade do nosso cerebro pensante a vida que vivemos, o ar que respiramos, a amizade que sentimos, a gloria, a saude, a grandeza e a sciencia e os mil andrajos que vestimos ao idolo da Verdade, sempre procurado e sempre desconhecido, sempre ignoto e desejado; se porventura não é Deus a unica verdade?

Porque ha-de ser mais real e positivo o prazer, por exemplo, d'uma harmonia que escutámos do que o gozo apenas sonhado d'imaginária orchestra? A dôr d'um mal phantastico não é menos amarga do que a terrivel mágua d'um verdadeiro mal? A châmma da razão não tem fulgor maior do que a luz da phantasia: se a primeira tem dado philosophos e sábios, a segunda é mãe d'artistas e de heroes.

Onde estás tu pois Verdade? No positivo ou no ideal, na realidade ou na chimera?

Em vão o homem te interroga, se porventura não existe sequer a tua effigie no fundo da sua consciencia.

Duvidoso, abraço-me a ti, ó chimera, bemdito archanjo dos que sonham. Abre-me tu, pois, os braços voluptarios; e deixa-me ahi repousar a alma fatigada, e esconder no teu seio de visionaria virgem o coração, coitado!, cançado de soffrer!

*

Porque não hei de eu pois sonhar, sonhar minha existencia, se a vida é quasi um sonho?

Se a rôla geme triste no seu melancholico cantar, se a lua empallidece no seu alvor de luz; porque não hei-de eu impregnar de maviosissimo queixume os meus delirios litterarios, se, como a rôla, aprendi a tecer em lagrimas os meus intimos poemas e como a lua era melancholico nos annos da minha infancia?!...

(*Continua.*)

ANNUNCIOS

VENDE-SE

UMA morada de casas sitas no largo do Cojo, pegadas á Caixa Economica. Quem pretender, falle com seu dono, morador na dita casa.

ARREMATAÇÃO

NA execução da Fazenda Nacional, contra Manuel da Silva, da Costa do Vallado, vão á praça no dia 17 de dezembro do anno corrente, pelas 11 horas da manhã, os seguintes bens:

Uma terra lavradia sita na Quinta Nova, da Costa do Vallado, freguezia da Oliveirinha, que parte do Norte com Manuel Francisco da Fonte, do sul e poente com o caminho publico, e nascente com João Marques Mostardinha, do logar de S. Bento.

São citados quaesquer credores incertos.

O escrivão supplente das execuções fiscaes,
Custodio Simões Amaro Junior.
Verificado.—*Alexandre Lobo.*

ARREMATAÇÃO

NA execução da Fazenda Nacional, contra Anna Clara, solteira, do Roque de Nariz, vão á praça no dia 17 de dezembro do anno corrente, pelas 11 horas da manhã, os seguintes bens:

Uma quinta parte d'uma vinha, nos Carreirinhos do Meio, limite e freguezia de Nariz. Parte do norte com José de Barros, poente com Antonio Nunes Belem, sul, com servidão publica, nascente, com Manuel Barros.

Uma quarta parte d'uma terra e vinha, sita no Valle do Rato, limite de Nariz, parte do norte, com Maria Barros, nascente com João Domingos, e poente com a rua publica.

São citados quaesquer credores incertss.

O escrivão supplente das execuções fiscaes,
Custodio Simões Amaro Junior.
Verificado.—*A. Lobo.*

FUNDIÇÃO DO OURO

PORTO

A Fabrica de Fundição do Ouro, fundada em 1864 por Luiz Ferreira de Souza Cruz, seu actual director e gerente, *que foi premiada com as primeiras medalhas na exposição industrial portuense de 1861, sendo uma por distincção; com a medalha de prata na exposição agricola de Braga em 1863; com a medalha de honra na exposição agricola de Lisboa em 1864; com o diploma de merito na exposição Universal de Vienna d'Austria em 1873, e com a medalha de 3.ª classe da Associação Nacional, Agricola, Manufactureira e Commercial de Pariz em 1879*, acha-se hoje extraordinariamente augmentada com importantes machinas para auxilio dos seus trabalhos, e por isso muito habilitada para a construcção de machinas e caldeiras de vapor, tanto para terra como para mar, até á força de 200 cavallos, de qualquer dos systemas mais aperfeiçoados e uteis. Motores hydraulicos, machinas de destilação, prensas para azeite e para vinho, e toda e qualquer obra de ferro fundido ou batido, metal, cobre ou bronze.

Porto, 9 d'outubro de 1893.

As pessoas que conhecem as
PILULAS
DO DOUTOR
DEHAUT
DE PARIS
não hesitam em purgar-se quando precisão. Não receiam fastio nem fadiga, porque ao contrario dos outros purgativos, este só obra bem quando é tomado com bons alimentos e bebidas fortificantes, como Vinho, Café, Chá. Quem se purga com estas pilulas póde escolher para tomal-as, a hora e refeição que mais lhe convier conforme suas occupações. A fadiga do purgativo sendo annullada pelo effeito da bra alimentação, si se decide facilmente a recomeçar tantas vezes quanto for necessario.
5 fr. e 2 fr. 50

Auctorisado pelo Tribunal do Contencioso technico na sessão de 27 de junho de 1893.

VENDE-SE

UMA grande porção de madeira de eucalipto já servida, e bem assim algumas portas e caixilhos para janella já usados. Quem pretender falle com o mestre d'obras Antonio de Sousa, que está encarregado da venda.

VINHA AMERICANA

JOSÉ CHARTERS D'AZEVEDO, de Leiria, vende raizados e bacellos de Riparias, Resperteis e Solonis, por preços rasoaveis.

Chorem hoje a sua irracionalidade uns, a sua nimia boa fé outros, e os que pescavam em as aguas turvas se em logar de lama gira sangue nas suas veias, envergonhem se do ridiculo papel que tão *miseravelmente* representaram!

Já em 33 se escreveu «As dificuldades crescem de dia em dia, a restauração paralisada pela inepcia dos ministros, e pelo descredito do governo. O ministerio perdeu completamente a opinião publica. A mais supina ignorancia está demonstrada em sua lei, a mais clara impericia em todas as suas providencias governativas, a mais escandalosa immoralidade em quazi todas as nomeações de seus empregados, em todo o resto de seus actos. O ministerio actual não representa os interesses nem sequer de partido algum, é puramente uma facção de proletarios ignorantes, cosmopolitas anarchicos sem nome, sem propriedade, sem serviços, sem talentos que só pertencem a Portugal pelo acazo de terem nascido dentro do seu territorio, seu unico fim o de se fazerem atravessadores de todos os empregos pingues do estado. Não tem principios nem bons, nem maus. São tudo, e ha de tudo entre elle, são as fezes de todos os partidos, o *caput mortuum* de todas as facções de que se formou um monstro novo, e desuzado.»

Mudadas algumas palavras, acrescentadas outras, pode-se bem dizer que é este o retrato de quasi todos os nossos governos; o povo carregado de miseria, de tributos, alcavalas, impostos, já com as Milicias alcunhadas insolentemente de guarda nacional, qualquer dia cedo, com os foraes, e dizimos, opprimido, afflicto, roubado, vechado, não crê tão pouco nos novos restauradores — o povo soffre sem cessar, em quanto meia duzia de Jobs transformados milagrosamente em Crêssos, insultam com o seu luxo asiatico a miseria do povo, que teve a toleima de se deixar sangrar para enriquecerem pelintras que em qualquer systema de governo absoluto, ou paternal, despotico, ou representativo, em uma sociedade qualquer, organisada segundo os principios de justiça, teriam como honra singular, serem caixeiros de qualquer taverna, ou ainda lacaios de qualquer grande.

Essas fortunas colossaes tão depressa alevantadas, fazendo impio contraste com a pobreza Nacional, é um campo que devêra ser bem esquadrinhado: melhor fôra em lugar do conselho do thesouro crear um tribunal que verificasse a conducta, e fortuna dos que teem manejado os dinheiros publicos.

Cauza admiração que este reino, sem ter soffrido algumas d'estas revoluções que fazem perecer os estados, se enfraqueça até o ponto em que nos achamos! Que esta nobre, e livre terra de Portugal, que tantos titulos conta das suas alforrias se deiche assim anniquillar! A alma contrista se com o presente, dilata-se no pensamento d'esse porvir tenebroso, d'esse futuro medonho, e acoita-se involuntariamente nas recordações do passado, d'esses seculos de gloria, que não mais voltaram!

Pezada vai de mais a tyrannia para que se não sinta: a violencia é odiosa, bradar contra ella é natural, soffrer em silencio é vergonha: quando o abuzo do poder, dizia Lafayette na assembléa legistiva, torna uma revolução necessaria a insurreição é o mais sagrado dos deveres: ao povo inglez não resta outro recurso que a resistencia dizia na camara dos communs Sheridan, a resistencia não como uma questão de direito, mas sim de prudencia: entre nós temos a corajoza intimativa dos conselheires d'Affonso 4.º—procurareemos quem nos governe melhor—para que irmos mendigar fora o que temos de sobejo em casa? Não é a liberdade nossos uzos, nossos costumes, nossos fóros de 7 seculos? Será acaso precizo lembrarmos essa antiguidade, prégarmos esta velhice como grande novidade? Na batalha de Alcantara não dizia a nossos pais, o Infante D. Antonio, o pertendente á corôa, «Eleitores de Reis! Os melhores Reis que tendes tido não foram os que vos deu a successão, mas sim a eleição? Não dizia aos nossos pais, o duque de Bragança em 1640» se fizerdes uma republica eu serei bom, e fiel vassalo d'ella!...

Não nos illudamos; a liberdade definha, o despotismo alevanta raivozo o seu collo, desenrola bramindo o seu sanguinolento estandarte, e os livres não despregaram a brilhante bandeira da liberdade, d'essa virgem que é perigoso desacatar, e que na sua vingança decepa com igualdade a cabeça

Que um povo opprimido, tyrannisado se levante, tome ar armas, combata seus oppressores, que no ardor da peleja, nas necessidades da luta, se vingue d'aquelles que arrastaram sobre si os odios mais justos, e mais implacaveis; os Casuistas, os partidarios da legitimidade, do sediço, e rançozo direito divino não teem bastantes anathemas, todas as imprecações lhes parecem poucas, todas as palavras injuriozas, todos os epitetos affrontosos, insignificantes, para lançarem contra a insurreição, contra esse acto de justiça popular: mas vem um principe com a sua arvore geneologica, por amor de uma corôa expellir um rival, ensanguenta por mezes, e annos um reino, assola provincias, queima cidades, tala os campos, essa insurreição para elles é legitima, é justa, é santa.

Assolem-se provincias, saqueem-se cidades, troe o canhão sobre um povo que nada tem com a ambição de dois rivaes, uns derramem o seu sangue, outros entreguem sua fortuna, massacres, e horrores sem nome espantem o mundo, exaltem a indignação dos que sentirem no coração algum sentimento de honra, e caridade, esse principe que os autorizar, excitar, e recompensar, não será menos o modello dos principes, o symbolo de todas as virtudes politicas, e evangelicas.

Nascidos no povo não desnegamos a nossa origem plebéa, nossas mãos ainda não deitaram incenso no thoribulo da lisonga, nossos joelhos não fizeram por ora genuflexões ao poder, nossos pés ainda não pizaram as casas dos Reis, nossas pessoas ainda não fizeram anti camara nos salões dos grandes; não somos aristocratas nem por pensamento, nem por palavras, nem por obras—pouco, nada mesmo, uzamos de certos foros, e distinctivos, que os Reis nos deram, não por pedido nosso, que o cynismo que hemos votado a essas distincções sociaes, não se acomodara com essa exigencia.

Nascidos no povo, lamentamos que os nossos pares empreguem o seu genio, a sua fortuna, a sua força, o seu sangue, os seus commodos, as suas affeições, em o serviço e prazeres dos monarcas, sem outras relações com elles, que a submissão, e por paga o desprezo!

Nascidos no povo não queremos que a nossa apathia, e meiras eras, de monarchas proscriptos, perseguidos, fugitivos, abandonados, e maltratados. A Inglaterra, esse paiz tão essencialmente aristocratico viu as janellas do palacio de White-Hall apinhadas de gente, para presencearem a degollação de Carlos 1.º, a França, esse paiz *qui disait-on, cherissait tant ses Rois*, em um momento de delirio lançou a cabeça de um Rei como luva de combate ás potencias da Europa, e ellas turvaram de infiadas; já em nossos tempos o Porto de Cherboury recebeu, para d'esta vez não mais voltar á França, o irmão d'este Rei guilhotinado, que na sua longa emigração nada aprendeu, e o castello de Ham recebeu o ministro imbecil e retrogrado que em sua nescia, e louca vaidade se crêu bastante forte para sustar a impetuosa torrente que arrasta os povos á liberdade. No reino visinho temos Valença, aonde a *Madre del Pueblo*, e o seu visionario ministro, disséram os seus adeoses á Hespanha, entre nós povo passifico, paciente, socegado, e soffredor, já tivemos morto em Moledo, terra estranha, um Rei nosso por mal governar; e ainda ha pouco vimos em Cintra esses *ladrilhos gastos*, onde um monarcha da casa de Brangança passeava a sua desesperação, unico consolo em tão apurado viver; as paredes desse paço ouviram as imprecações do um Rei ultrajado em sua honra, e dignidade, e os braços mirrados do primeiro Rei d'essa dynastia bastarda de um bastardo esperaram de balde em o jazigo dos Braganças o seu primogenito: a vingança estendeu-se além da vida!

Tantos exemplos, e tão triviaes, são despresados, mas nunca sem perigos como diz B. Constan—*Ily a de choses qui sont possibles á telle epoque; et qui ne sont plus á telle autre. Cette verité sembli triviale; elle est neammoins meconnue, elle ne l'est jamais sans danger.*

Escrevemos, não sabemos se por desgraça se por felicidade nossa, n'este seculo em que os Reis descem atrapalhadamente os degraus de throno, quando por ignorancia, ou malicia chocam com os interesses do povo: esta terrivel occasião chegada, essa hora aziagada arrombando as portas dos paços, as nações não teem sangue para derramarem em pról dos thronos, não teem brio para valerem ao desventurado, que

COMPANHIA GERAL
DE
CREDITO PREDIAL PORTUGUEZ

SÃO prevenidos os possuidores de Obrigações Prediaes, Municipaes e Districtaes de 6, 5, 4 1|2 e 4 0|0 d'esta Companhia, tanto nominativas como ao portador, residentes nas localidades abaixo mencionadas, em cuja séde queiram receber juros dos mesmos titulos, relativos ao 1.º de janeiro proximo futuro, de que devem declaral-o até ao dia 31 de dezembro, aos agentes d'esta Companhia, nas respectivas localidades.

Lisboa, 12 de dezembro de 1893.

O guarda-livros da Companhia,
José Joaquim de Mendonça.

Localidades	Agentes
Beja	Francisco de Paula Soares.
Braga	Antonio Brandão Pereira.
Coimbra	Francisco Maria de Sousa Nazareth.
Santarem	Raphael Augusto de Sá Nogueira.
Madeira	Candido Henriques de Freitas.
S. Miguel	Antonio José Machado.
Villa Real	Antonio Gerardo Monteiro.
Aveiro	Manuel Ferreira Pinto de Sousa.
Bragança	João Antonio Pires Villar.
Castello Branco	José Guilherme Morão.
Leiria	Barão do Salgueiro.
Vianna do Castello	Dr. J. A. da Camara Leme.
Vizeu	Silverio Augusto de Abranches Coelho e Moura.
Portalegre	Antonio Bernardo Xavier Tavares.
Faro	Antonio Pereira de Mattos.
Guarda	Francisco Antonio Patricio.
Thomar	José d'Almeida Xavier.
Setubal	José Manuel da Silva Rosa.
Torres Novas	João Radrigues de Faria.
Figueira da Foz	J. A. dos Santos Féra.
Angra	Luiz Francisco Meyrelles do Canto e Castro.

EXTRACTO COMPOSTO DE SALSAPARRILHA DE AYER—Para purificar o sangue, limpar o corpo, e cura radical das escrophulas.

PEITORAL DE CEREJA DE AYER—O remedio mais seguro que ha para cura da tosse, bronchite, asthma e tuberculos pulmonares.

O REMEDIO DE AYER CONTRA SEZÕES—Febres intermitentes e biliosas

VIGOR DO CABELLO DE AYER—Impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabello grisalho a sua vitalidade e formosura.

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sahem baratos, porque um vidro dura muito tempo.

PILULAS CATHARTICAS DE AYER.—O melhor purgativo suave e inteiramente vegetal.

PERFEITO DESINFECTANTE E PURIFICANTE DE JEYÉS, para desinfectar casas e latrinas, tambem é excellente para tirar gordura ou nodoas de roupa, limpar metaes e curar feridas.

Vende-se em todas as principaes pharmacias e drogarias.—Preço 240 réis.

ACIDO PHOSPHATO DE HORSFORD

Faz uma bebida deliciosa addicionando-lhe apenas agua e assucar; é um excellente substituto de limão e baratissimo, porque um frasco dura muito tempo. Tambem é muito util no tratamento de Indigestão, Nervoso, Dyspepsia e dôr de cabeça. Preço por frasco 700 réis, e por duzia tem abatimento.—Os representantes srs. JAMES CASSELS & C.ª, rua do Mousinho da Silveira,—Porto, dão as formulas aos srs. Facultativos que as requisitarem.

DIRECTOR TECHNICO—**E. ESTACIO**

COMPANHIA PORTUGUEZA HYGIENE
FABRICA A VAPOR DE PRODUCTOS CHIMICOS E PHARMACEUTICOS

CAMPO PEQUENO

ESCRIPTORIO PRAÇA DE D. PEDRO, 59, 1.º
PHARMACIA » » » » 60 a 63

Deposito—RUA DO PRINCIPE, 92 A 100

LISBOA

Esta companhia é a **unica** no paiz que fabrica em grande escala es por processos, machinas e apparelhos os mais modernos e aperfeiçoados, grande numero de *preparações e especialidades chimico-pharmaceuticas* em perfeição de acabamento egual ou superior ás simulares d'origem estrangeira, sendo porém as de seu fabrico *garantidas* pela companhia, nos seus componente, tanto em quantidades, como em qualidades e por preços *excessivamente menores.*

Além d'isso a companhia negoceia em todos os artigos que interessam ás classes de *medicina, cirurgia, pharmacia, e chimica*, taes como objectos de cautchouc, apparelhos de laboratorio, etc., sendo pela sua dupla qualidade de fabricante e commerciante em grande escala, a casa *fornecedora mais conveniente e completa de pharmacias, hospitaes, laboratorios chimicos, etc., etc.*

Fornecem-se catalogos e informações a quem as requisite

CASA DE MODAS
LOPES DE SEQUEIRA & COMPANHIA

285, RUA DO OURO, 293.—**LISBOA**

JUIZO DE DIREITO DA COMARCA D'AVEIRO

ARREMATAÇÃO

SEGUNDA PRAÇA

POR este juizo e cartorio do escrivão do terceiro officio—Duarte Silva—e nos autos de execução de sentença em que é exequente João Antonio Alves, negociante, d'esta cidade, e executado Antonio Nunes Carrancho Junior, viuvo, por si e como representante de seus filhos menores, do logar e freguezia da Palhaça, vae pela segunda vez á praça, para ser arrematada por metade do seu valor, no dia 24 do corrente mez, por 11 horas da manhã, nas salas do tribunal judicial d'esta comarca, situado no Largo Municipal d'esta cidade, o direito que os executados teem sobre os predios descriptos sob os numeros 47 e 66, no inventario a que se procedeu por obito de Emilia Marques, casada que foi com José dos Santos Polonio, de S. Bernardo, d'esta comarca, e são os seguintes:

Uma terra lavradia sita na Ucha, limite de S. Bernardo, que tem dentro dois fornos de cozer telha, competentes barreiros, e duas casas de arrecadação, que paga de fôro annual ao doutor Emilio d'Oliveira, do Porto, 67 litros de trigo gallego e 93 litros e 800 millilitros a José Eduardo d'Almeida Vilhena, d'Aveiro, avaliada, livre de fôro, em 1:012$160 reis; e umas casas terreas sitas nos Santos Martyres, d'esta cidade, que pagam de fôro 4$400 reis annuaes á Camara Municipal d'Aveiro, avaliadas, livre de fôro, em 612$000 reis, cujo direito foi liquidado na quantia de 262$624 reis.

Pelo presente são citados todos os credores incertos.

Aveiro 14 de dezembro de 1893.

O escrivão de direito do 3.º officio,
Antonio Augusto Duarte Silva.

Verificado.—O juiz de direito,
Eduardo da Costa e Almeida.

AGENCIA DE NEGOCIOS FORENSES
NO PORTO

ANTONIO DA SIVLA CARVALHO, sollicitador encartado e com bastante pratica de negocios forenses encarrega-se de tratar negocios, ou seja nos tribunaes commercial, civis, ou na Relação, sendo a tabella dos seus serviços a mais commoda possivel.

Quem precisar do seu prestimo póde dirigir-se-lhe pelo correio para a rua de Santa Catharina, n.º 261, onde tem o seu escriptorio.

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

Privilegiado, auctorisado pelo governo pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro e approvado pela junta consultiva de saude publica

E' o melhor tonico nutritivo que se conhece; é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o apetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito, nos estomagos ainda os mais debeis, para combater as digestões tardias e laboriosae, a dispepsia, cardialgia, gastro-dynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnos, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doenças, aonde é preciso levantar as forças.

Para as creanças ou pessoas muito dereis uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas a tres colheres tambem de cada vez.

Um calix d'este vinho representa um bom bife.

Esta dóse com quaesquer bolachinhas é um excellente *lunch* para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para acceitar bem a alimentação do jantar, e concluindo elle, toma-se igual porção de *toast*, para facilitar completamente a digestão.

Para avitar a contrafacção, os envolucros das garrafas devem conter o retrato do autor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Acha-se á venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco & Filhos, em Belem.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto da comida, ou em caldo, quando o doente não se possa alimentar.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

FABRICA DE PRODUCTOS CHIMICOS
E
PHARMACEUTICOS
RUA 24 DE JULHO, 382,—**LISBOA**

A. DA CUNHA & BASTOS

N'ESTA fabrica preparam-se já os seguintes artigos que vimos recommendar ao publico:

ALGODÃO hydrophilo, borico, hemostatico, dito ao (frasco de 100 grammas), iodo formado, phenico, salicilado, com sublimado, com thymol.—BRILLANTINE.—CARVÃO vegetal lavado, pó, dito frasco de cap. de 250 grammas, dito vegetal granulado, dito frasco de 250 grammas.—CONFEITOS de aloes, brometo de camphora, chloreto de ferro, copahiba, cupahiba e cubebas, ergotino 0,1—lactato de ferro, sulphato de quinino 0,2—EMULSÃO de oleo de figados de bacalhau com hyposphosphitos.—Grangêa de semen-contra.—Grãos de Saude, f. de Frank.—GRANULOS antimonio ferruginosos, arseniato de antimonio, arseniato de ferro, arseniato de soda, arseniato de strychinina, granulos strophantus.—YRRIGADOR d'Esmarck.—PILULAS Blaud, Blancard, Wallet, ditas de Wallet prateadas.—PASTILHAS comprimidas em frascos como as inglezas com tampa de metal, em caixas de 12 frascos; de antipyrina 0,25, de bi-carbonato de soda, de bi-carbonato e cocaina, de bi-carbonato e saccharina, de chlorato de potassa, de chlorato de potassa e borax, de carvão e iodol, de carvão e salol, de carvão e naphtal, de cascara sagrada: de coca, de coca e kola, de Guarand, de jalapa composta, de menthol, de sublimado corrosivo, de carvão (f. Belloc (caixa), de chocolate com santonina, de chocolate com santonina e calomelanos. RHUIBARBO granulado (f. Mentel). RHUM E QUINA em frascos do formato Roger e gallet, dito em caixa de 12 frascos. SINAPISMOS caixa de 10 e de 100. (Pode imprimir-se o nome do comprador sem augmento de preço conforme a quantidade).—SEDLITZ granulado kilo, dito em frascos de 250 grammas, formato Chanteaud. VELOUTINE branca ou rosa, caixas modelo Coudray.

Estes preparados recommendam-se pelos bons resultados obtidos, barateza e descontos.

Os annunciantes não tendo a menor duvida da qualidade d'elles, remettem amostras a quem ás requisitar para a RUA 24 DE JULHO, 382, LISBOA.

FILTRO CHAMBERLAND
SYSTEMA PASTEUR

O unico filtro industrial capaz de se oppôr efficazmente á transmissão das doenças pelas aguas destinadas á alimentação. Unico filtro adoptado mediante concurso para o serviço do exercito francez.

—(*)—

ACADEMIA DAS SCIENCIAS

PREMIO MONTLOION

SEIS MEDALHAS DE HONRA

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS DE 1890

UNICA MEDALHA DE OURO

Concedida pela classe de hygiene, conforme consta do catalogo official das recompensas—Classe 64, pagina 4:794

Deposito especial para Portugal, Rua Nova do Almada, 79—Lisboa.

NOTA—Remettem-se catalogos illustrados com os diversos typos de filtros e preços dos mesmos a quem os requisitar.

CAMBISTA TESTA
78, RUA DO ARSENAL, 78

ESTA casa é a que offerece as melhores vantagens em todas as operações de cambio e loterias. Esta casa é a unica que vende os bilhetes da loteria portugueza a 3$000, meios bilhetes a 2$500 e decimos a 500 réis. Basta addicionar ao pedido o porte do correio e dirigir ao cambista José R. Testa.—LISBOA.

UNICO DEPOSITO
DE
FUNDAS NACIONAES E ESTRANGEIRAS
DE
ANTONIO TEIXEIRA DA MOTTA
RUA DE D. PEDRO, 87
PORTO

GRANDE sortimento de todas as classes de **fundas** dos melhores systemas conhecidos, fazendo-se por medida para todas as roturas, cujas necessidades só assim pódem ficar garantidas. Tambem se fazem **fundas** para creanças, curando-se todas, sem ser por milagre, mas só com o uso das **fundas** d'esta casa e o competente exercicio physico. N'este estabelecimento encontra-se um grande sortimento de **cintos umbelicaes e mechanicos,** assim como **meias elasticas, suspensorios escrotais,** etc., etc.

No mesmo estabelecimento faz-se toda a qualidade **d'apparelhos orthopedicos** para todas as deformidades que aparecem no corpo humano e que seja compativel a sua applicação. O systema porque são executados estes **apparelhos e fundas** é bem conhecido dos **ex.mos medicos portuguezes** e de muitos estrangeiros, que os recommendam aos seus pacientes com a maxima confiança.

E como não ha de ser assim, pois que se a digna classe **medica portugueza** viu pela primeira vez fabricados em Portugal, **apparelhos** e **fundas** com perfeição, e satisfazendo aos que soffrem conforme as suas necessidades, devem-n'o unicamente só a mim, sendo o primeiro que ha 32 annos introduzi no paiz o ramo **orthopedista,** fazendo-o sempre acompanhar de todos os melhoramentos e descobertas que tenho feito á custa d'um aturado estudo, e segundo as necessidades que se tem apresentado. N'este ponto nada tenho que receiar, nem invejar dos estrangeiros.

Previno, por isso, os dignos **facultativos** e os meus numerosissimos freguezes para que não confundam o meu estabelecimento com outros de egual genero que ha na mesma rua e cujos proprietarios foram meus officiaes.

Antonio Teixeira da Motta.

ARRENDA-SE

UMA excellente casa á esquina da rua da Praça. Quem a pretender falle no talho de Francisco Ferreira.

CREADA DE DENTRO

Precisa-se de uma creada para todo o serviço de dentro, incluindo o tratamento de creanças. Prefere-se a que tiver melhores abonações.

N'esta redacção se diz.

CANCIONEIRO DE MUSICAS POPULARES

PARA PIANO E CANTO

por

Cesar das Neves e Gualdino de Campos

ummario do 1.º fasciculo:—«As melodias portuguezas,» prologo por Theophilo Braga; «O lavrador da arada,» lenda religiosa; «Canção do figueiral,» trobadoresca, com uma traducção por Anthero do Quental; «Canna verde,» chula de Braga; «Então és o meu amor,» descante de Amarante; «Oh que saleiro!» choreographica de Penacova.

Preço do fasciculo de 16 paginas, para os assignantes, 200 réis; avulso 400 réis.

Empreza editora Cesar, Campos & C.ª rua da Fabrica, 80, Porto.

A' venda em todas as livrarias e armazens de musica.

BORRAS E SARRO DE VINHO

COMPRAM-SE grandes porções e ninguem paga melhor preço do que A. J. Rosa, rua dos Remolares, 8,—LISBOA.

AOS CORPOS ADMINISTRATIVOS

ELUCIDIARIO

PARA A FACIL ORGANISAÇÃO DOS

ORÇAMENTOS E CONTAS

DAS

Camaras, juntas de parochia, confrarias e irmandades

Esta util e importante publicação, bastante volumosa pelas desenvolvidas indicações e esclarecimentos que presta, contem uma collecção magnifica de modelos para os *orçamentos ordinarios e supplementares.*

Cada exemplar custa 500 réis; pelo correio, 520 réis.

Os pedidos devem ser feitos a Prença, Filhos & C.ª—GUARDA.

IMPRESSÕES A VUELA PLUMA

POR

ACCACIO ROZA

Socio da Sociedade de Geographia de Lisboa

Este novo livro do auctor d'*A nossa independencia e o iberismo*, que tão benevolamente foi recebido por muitos dos mais brilhantes pensadores europeus, é impresso a trez côres cada pagina, formando um todo luxuoso e original.

O preço é apenas de 300 réis.

A' venda nas principaes livrarias do reino, remettendo-se tambem a quem enviar a sua importancia ao auctor.

AVEIRO—VERDEMILHO

PÓS DE KEATING
PÓS DE KEATING
PÓS DE KEATING

MATAM

PULGAS
PERCEVEJOS
BARATAS
TRAÇAS
MOSCAS
FORMIGAS

ABSOLUTAMENTE *inoffensivos para os animaes domesticos*, são infalliveis na destruição de parasitas e insectos nas suas differentes phases. Em resultado da grande venda que teem estes pós em todo o mundo, numerosas imitações apparecem á venda e que são ineficazes. Exija o publico que as latas tenham a assignatura do inventor *Thomas Keating*, e embrulhadas em papel verde. *Agencia e venda só por grosso, rua dos Fanqueiros, 114, 1.º andar—Lisboa;* venda por grosso na Pharmacia Barral em Lisboa e em todas as principaes pharmacias e drogarias do reino.

Pós de Keating.
Pós de Keating.
Pos de Keating.

CONTRA O MILDIU E O OIDIUM
ENXOFRE ESTACIO

Instrucções e attestados gratis—C.ª portugueza HYGIENE—Praça de D. Pedro, 50, Lisboa

PAPIER WLINSI Remedio soberano para a cura rapida de *affecções do peito, catarrhos, males da garganta, bronchites, resfriamento, defluxo, rheumatismo, dôres, etc.;* 20 annos de maior successo attestam a efficacia d'este excellente derivativo, recommendado pelos primeiros medicos de Paris.

Deposito em todas as pharmacias.—Em Pariz, rua de Seine, 31

PREGOS D'ARAME
GRANDES DESCONTOS
PARA REVENDER

ENVIA-SE TABELLAS A QUEM AS REQUISITAR

COMPANHIA VICTORIA

Rua das Janellas Verdes

LISBOA

DIRECTOR E RESPONSAVEL—*M. F.*

Typographia Aveirense, Largo da Vera-Cruz.—Séde da administração Rua da Vera-Cruz, Aveiro.

então *rasteiro* implora ajuda, não teem gosto, nem vontade para socorrerem na desgraça, a quem em quanto na opulencia não cuidou d'ellas: uma nação que soffre martyrios, e torturas, que ás suas mãos indefezas lançaram algemas, aos seus pés grilhões, que atiraram com o seu corpo ás masmorras, e pouco faltou que a todos deitassem ao pescoço os alfanges turquescos, nos primeiros momentos da sua vingança tremenda não se deixa illudir, não aquieta, anda, corre, voa, entra, sahe, sempre adiante, nunca atraz, tudo enche, tudo cobre, tudo envolve, tudo toma, tudo céga, tudo penetra; se destroe edifica, a grandeza das suas obras vale bem as suas destruições, não para se não de cançada, se a attacam faz trincheiras com as cabeças dos reis, com as nossas proprias; é Saturno, seus proprios filhos devora.

A revolução de setembro, foi na sua tenção mais governativa que politica, foi feita contra um governo inepto, e não contra o codigo—que muitos haviam que o julgavam vicioso em sua origem, mas tendo-o a nação acceitado, essa acceitação, legitimou o que por ventura elle tivesse de bastardice.

A revolução de setembro nobre em sua origem e que devera ser grandiosa em suas consequencias foi o *parturient montes nascetur ridiculus mus*, não se quiz convencer o primeiro governo d'essa revolução da sua origem revolucionaria, não se quiz convencer que a inacção em cazos taes era um crime nacional, não se quiz convencer que revoluções que param, morrem, e com o seu systema paliativo, com o seu systema de meias medidas, com uma franqueza, e generosidade que não vinham a proposito entorpeçeram a marcha d'esse movimento, e minaram de morte os seus alicerces: mal cabe pois o nome de revolução a um motimzinho tão innocente.

Errou o primeiro ministerio, mas errou de boa fé, e erros tambem são tributos dignos da patria, quando partem de almas bem intencionadas, e de corações sinceros: o caracter nobre, e excellente de dois d'esses primeiros ministros estão a cima de qualquer censura, pela nunca desmentida pureza de suas intenções, pela não interrompida constancia dos mesmos principios.

que os nossos lycurgos macaquejando o grande Frederico escrevam nas colatras dos canhões o *ultima ratio regum*, esse direito brutal não o admittimos; a força constitue sim o facto, mas não o direito.

A dureza de Faraó foi a ultima disposição que a mão de um Deus trassava para levar os Hebreus á terra da promissão; embora levantem os tyrannos as taboas da proscripção contra as liberdades dos povos, a providencia escondida em certa desigualdade que cada dia mais experimentamos serve-se dos Judas, dos Anazes, Caiffazes, para que mediante a injustiça, e impiedade de homens tão abominaveis se consiga a salvação dos predestinados.

Não cremos que o povo com tantos motivos á vontade tantas razões ao entendimento, tantos exemplos de traição, tantos desastres que tem soffrido, tão repetidos á sua memoria, fique mudo, quedo, e impassivel, e não turbe a comedia d'esses Dramaturgos.

Morro dizia o deputado da Gironda *Lassource* (repetindo estas palavras de um antigo, e entregando a sua cabeça ao ferro da guilhotina) *em o dia que o povo perdeu a razão, vós morrereis quando elle a recobrar»* durante esses attaques de demencia nacional triumpham os tyrannos, nos intervallos lucidos o triumpho é do povo.

«Vimos os bons descahidos
«E os maus mui levantados;
«Sandeus desavorgonhados
«Valer com seus artificios:
«E senhores enganados.

«Vimos honrar lisongeiros
«E folgar com murmurar,
«E caber mexeriqueiros
«Os mentirosos medrar
«Desmedrar os verdadeiros.

Parecem-nos de molde talhadas para os tempos de hoje estas trovas do nosso Garcia de Rezende!

do nobre, e a do peão? Não nos illudamos: este governo impio occulta debaixo de alguma aparencia de liberdade os principios de despotismo, e machiavelismo atroz, pertende fazer da violencia de um dia, o typo de um governo permanente: o que circumstancias extraordinarias fizeram nascer querer elle reduzir a systema, e sustenta-se esta doutrina com uma imbecilidade, e frenesim sem par.

E' obra de misericordia ensinar os ignorantes, desenganemos esses pobres de espirito.

«Não sois o que cuidaes, por mais que vós vejais agora um Dragão coroado, vestido de armas douradas, com a cauda levantada, e retorcida açoutando os ventos, o peito inchado, as azas estendidas, o collo encrespado, e soberbo, boca aberta, dentes agudos, lingua trisulca, olhos scintillantes, garras, e unhas rompentes, por mais que vejamos esse Dragão tremular nas bandeiras de Lacedemonia, passear nos jardins das Hesperidas, guardar os thesouros de Midas,» o Dragão cahirá espavorido com todo o seu cortejo de patibulos, baionetas, e canhões ao rugido do leão que accordar.

O povo apatico, sem ter tomado ainda uma parte activa em os seus interesses, sem ter ainda começado a defeza dos seus direitos, é todavia uma substancia vivente sensitiva, e racional: tem força bastante, para dispensar a ajuda do fraco, pode do momento que queira abandonar o seu papel passivo, e quando o prêgam da trombeta final o chamar, elle acordará: não dorme por ora sem movimento, nem sentido aquelle profundo, e dilatado lethargo de que se aproveitam os tyrannos para o açaimar; os povos teem instincto, tem razão publica, e a razão publica nos povos, é a consciencia dos individuos: se com os povos se não pode argumentar é perigoso apodallo, e gracejar com elles: passados os tempos de desgraça, e de gloria, os povos soffrem facilmente quaesquer instituições toleraveis, deixa-se mesmo governar por ministros pygmêos; leões tem havido attrelados a carros, guiados por crianças, mas cedo, ou tarde devoram os conductores! Não desejamos a regeneração em virtude do sangue como Eson, nem apetecemos as leis de Dracon, nem tão pouco queremos

Outro tanto não diremos dos subsequentes ministerios na sua *generalidade:* compostos de alguns insignificantes que para agarrarem as pastas bravejaram furiosos contra as distincções sociaes, e pouco depois uffanavam-se de andar com o correio atraz, do tratamento de Excellencia, das commendas que apanhavam; esses homens que sem essa mudança politica, seriam nada, porque nada eram, bem depressa fizeram vêr, que elles de democratas, só tinham o plebeismo do seu nascimento.

Ainda nos lembramos do troar dos canhões, do rouco som da fuzilaria que em 13 de março annunciava aos habitantes d'essa Lisboa que uma scena de carnagem tinha logar em suas mais publicas ruas, e praças, que cidadãos perdiam a vida para os ministros conservarem as pastas, que o sangue do innocente corria para entes nullos, e despreziveis pavonearem-se alguns dias ainda de correio atraz!!! E' aqui o caso de clamarmos como Tiberio, *Oh! homines ad servitutem parati!*

E estes cavalheiros da espada ardente, andam tão leves com esta carga! Não lhes peza isto na consciencia! Não os punge este remorço a alma! E os não inquieta, e os não assombra, e os não traz fóra de si, esta conta que hão de dar ao povo! E não tremem, e não temem!

A opiteada revolução de setembro errou grosseiramente, pondo o cobiçoso onde havia occasião de roubar, o fraco onde havia occasião de defender, o infiel onde havia occasião de renegar; com homens que conheciam das revoluções a dança do Manaziello no theatro de S. Carlos, do mundo o que por ventura viam em alguma carta geographica, do mar as aguas do Tejo que viam das janellas das secretarias, da guerra o que em alguma casa do antigo regimen teriam visto pintado em os pannos de raz do Tunes, com homens taes tinha por força essa revolução de finar-se: melhor fôra não ter elle nascido, a haver de soffrer morte tão affrontoza depois de tantos tratos de polé! Assim, uma tentativa com tão bellos auspicios não mais talvez se reproduza, tendo sido a primeira tão malograda.